



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSI
MESTRADO EM PSICOLOGIA

PAULA KRUGER FIGUEIREDO DE OLIVEIRA

**VIOLÊNCIA NO NAMORO, REGRAS DE MASCULINIDADE E
HABILIDADES SOCIAIS: um estudo com adolescentes**

São Luís

2023

PAULA KRUGER FIGUEIREDO DE OLIVEIRA

**VIOLÊNCIA NO NAMORO, REGRAS DE MASCULINIDADE E
HABILIDADES SOCIAIS: um estudo com adolescentes**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão como um dos requisitos para obtenção de título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Catarina Malcher
Teixeira.

Co-orientadora: Profa. Dra. Nádia Prazeres
Pinheiro Carozzo

São Luís

2023

PAULA KRUGER FIGUEIREDO DE OLIVEIRA

**VIOLÊNCIA NO NAMORO, REGRAS DE MASCULINIDADE E
HABILIDADES SOCIAIS: um estudo com adolescentes.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão como um dos requisitos para obtenção de título de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Catarina Malcher Teixeira (Orientadora)

Doutora em Psicologia
Universidade Federal do Maranhão

Prof^ª Dr^ª Nádia Prazeres Pinheiro Carozzo (Co-orientadora)

Doutora em Psicologia Clínica e Cultura
Universidade Federal do Maranhão

Prof^ª Dr^ª Sheila Giardini Murta (Examinadora 1)

Doutora em Psicologia
Universidade de Brasília

Prof Dr Lucas Guimarães Cardoso de Sá (Examinador 2)

Doutor em Psicologia
Universidade Federal do Maranhão

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Oliveira, Paula Kruger Figueiredo de.
VIOLÊNCIA NO NAMORO, REGRAS DE MASCULINIDADE E
HABILIDADES SOCIAIS : um estudo com adolescentes / Paula
Kruger Figueiredo de Oliveira. - 2023.
104 p.

Coorientador(a): Nádia Prazeres Pinheiro Carozzo.
Orientador(a): Catarina Malcher Teixeira.
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Psicologia/cch, Universidade Federal do Maranhão, São
Luís, Maranhão, 2023.

1. Adolescência. 2. Habilidades sociais. 3. Regras
de masculinidade. 4. Violência no namoro. I. Carozzo,
Nádia Prazeres Pinheiro. II. Teixeira, Catarina Malcher.
III. Título.

Aos meus pais, Paulo e Jandira, por me darem
o modelomáximo de uma relação amorosa de
cuidado, afeição, respeito,
compromisso e confiança.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Paulo e Jandira, por terem investido em mim e não terem poupado esforços para que eu tivesse acesso a meios educativos transformadores. Serei eternamente grata por terem abraçado minhas ideias e sonhos!

Ao meu irmão, Paulo Jorge, pelo suporte e auxílio na etapa de coleta de dados.

Sua ajuda foi de grande valia e incentivo. Amo você!

À minha orientadora, Catarina Malcher, pela paciência, compreensão e todo o aprendizado que me forneceu até aqui. Obrigada pelo tempo investido e por não ter desistido de mim, nem ter me deixado desistir também. Você é um grande modelo de terapeuta e docente para mim!

Aos meus amigos, Juliana Reis, Bruna Motta, Rodrigo Silva, Flávia Haidar, AnaBeatriz Adler, por toda a paciência e acolhimento nas incontáveis vezes em que desabafei minhas dificuldades. O incentivo de vocês foi fundamental até aqui.

À Nadia Prazeres e Yuri Neiva, por toda a colaboração e orientação nos momentos decisivos durante a construção dessa dissertação.

À banca, Sheila Murta, Lucas Sá e Ramon Alcântara, que desde a qualificação me acompanharam e trouxeram reflexões que foram fundamentais para o meu aprendizado e crescimento. Agradeço a disponibilidade e competência de todos.

Agradeço a Deus. Sem Ele nada disso seria possível. Obrigada, Senhor, por ter permitido que eu vivesse tanto até aqui.

*Eu vou lhe dar a decisão
Botei na balança, você não pesou
Botei na balança, você não passou*

*Mora na filosofia
Pra quê rimar amor e dor?*

Música de Monsueto e Arnaldo Passos, interpretada por
Maria Bethânia

RESUMO

A adolescência é considerada uma fase da vida marcada por mudanças físicas, comportamentais e sociais. Estudos apontam alta incidência de violência no namoro (VN) entre parceiros íntimos, mesmo nesta fase de relacionamento. Todavia, o campo teórico-prático das Habilidades Sociais (HS) tem apresentado pesquisas que demonstram que um bom repertório de HS auxilia em relações satisfatórias e duradouras, enquanto déficits estão associados a conflitos. Assim, o objetivo geral deste estudo é analisar a relação entre o repertório de HS, as regras sobre masculinidade e a VN. Como objetivos específicos: identificar índice de VN, verificar a influência de regras sociais acerca da masculinidade, caracterizar o repertório de HS, e comparar Habilidades Sociais, violência no namoro e regras de masculinidade entre os grupos de sexo (masculino e feminino) e tipo de rede de ensino (público ou privado). Participaram 46 adolescentes, sendo 20 do sexo masculino (43,48%) e 26 do sexo feminino (56,52%). A idade média dos participantes foi de 15,9 anos, dp 1,15. Destaca-se que 52,17% da amostra foi composta por adolescentes estudantes de escola da rede privada e 47,83% de escola da rede pública. Para a coleta de dados, foram utilizados o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes, a Escala de Significados da Masculinidade para Adolescentes e o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes - IHSA. Os principais resultados indicaram baixo índice de VN (média 5,34, dp 5,49) baixo índice de concordância com regras de masculinidade (média 4,19, dp 5,02) e repertório elaborado de HS (escore médio 90,95, dp 37,24). No que se refere às relações entre as variáveis, não foram identificadas correlações significativas considerando os escores gerais. Por outro, as análises por fatores dos instrumentos apontaram correlações positivas, de moderadas a fortes, entre *comportamentos não abusivos/positivos* com todos os fatores do IHSA, *comportamentos abusivos do parceiro* com *regras de masculinidade de restrição emocional*. Também foram identificadas correlações negativas moderadas entre *empatia* e *regras de masculinidade em geral* e *heterossexismo*. Quanto às análises de comparação, diferenças significativas foram encontradas considerando a variável rede de ensino (pública e privada), ou seja, alunos de escolas privadas emitem menos *comportamentos abusivos assim como parceiro* se comparado com os de escola pública, alunos de escola privada tendem a concordar menos com *regras de masculinidade* e apresentam *repertório mais elaborado de HS*. Os dados sugerem que fatores de vulnerabilidade social podem ser considerados fatores de risco para a ocorrência de VN em adolescentes. Indica-se programas de intervenção, como THS e a implementação de práticas pedagógicas que discutam temáticas como: diversidade, inclusão e igualdade de gênero como fatores de proteção. Estas

práticas podem influenciar no estabelecimento de contingências comportamentais não abusivas nas relações afetivos-sexuais, contribuindo para a interrupção da intergeracionalidade da violência e mudança nas práticas culturais coercitivas.

Palavras-chave: habilidades sociais; violência no namoro; relacionamento afetivo/sexual; adolescência; masculinidade.

ABSTRACT

Adolescence is considered a phase of life marked by physical, behavioral and social changes. Studies point to a high incidence of dating violence (DV) between intimate partners, even at this stage of the relationship. However, the theoretical-practical field of Social Skills (SS) has presented research that demonstrates that a good SS repertoire helps in satisfying and lasting relationships, while deficits are associated with conflicts. Thus, the general objective of this study was to analyze the relation between DV, the rules about masculinity and the SS repertoire. As specific objectives: to identify DV index, verify the influence of social rules about masculinity, characterize the SS repertoire, and compare SS, DV and masculinity rules between gender groups (male and female) and type of education (public or private). 46 adolescents participated, 20 males (43.48%) and 26 females (56.52%). The mean age of participants was 15.9 years, standard deviation (sd) 1.15. It is noteworthy that 52.17% of the sample was made up of adolescent students from private schools and 47.83% from public schools. For data collection, the Inventory of Conflicts in Dating Relationships among Adolescents, the Scale of Meanings of Masculinity for Adolescents and the Inventory of Social Skills for Adolescents - IHSA were used. The main results indicated a low level of DV (mean 5.34, sd 5.49), low level of agreement with masculinity rules (mean 4.19, sd 5.02) and elaborate SS repertoire (mean score 90.95, sd 37.24). In about the relations between the variables, no significant correlations were identified considering the general scores. On the other hand, the analyzes by factors of the instruments showed positive correlations, from moderate to strong, between non-abusive/positive behaviors with all the factors of the IHSA, abusive partner behaviors with masculinity rules of emotional restriction. Moderate negative correlations were also identified between empathy and masculinity rules in general and heterosexism. As for the comparison analyses, significant differences were found considering the type of education (public and private), which was that private school students emit less abusive behavior as well as a partner compared to public school students, private school students tend to agree less with masculinity rules and present a more elaborate SS repertoire. The data suggest that social vulnerability factors can be considered risk factors for the occurrence of DV in adolescents. Intervention programs are indicated, such as Social Skills training programs and the implementation of pedagogical practices that discuss themes such as: diversity, inclusion and gender equality as protective factors. These practices can influence the establishment of non-abusive behaviors in affective-sexual relationships, contributing to the interruption of the intergenerational nature of violence and change in coercive cultural practices.

Keywords: dating violence; social skills; affective/sexual relationship; adolescence; masculinity.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Dados sociodemográficos dos jovens participantes	44
Tabela 2 –	Frequência média de ocorrência de comportamentos especificados pelo CADRI em grupos de sexo masculino e feminino.	50
Tabela 3 –	Frequência do tipo de violência evidenciado pelo CADRI em grupos do sexo masculino e feminino.	53
Tabela 4 –	Frequência média de ocorrência de comportamentos especificados pelo CADRI em grupos de estudantes de escola da rede pública e da rede privada...	54
Tabela 5 –	Frequência do tipo de violência evidenciado pelo CADRI em grupos de estudantes de escolas da rede pública e da rede privada	55
Tabela 6 –	Frequência média de concordância com os fatores heterossexismo, esforço constante e restrição emocional em grupos de sexo masculino e feminino.	57
Tabela 7 –	Frequência média de concordância com os fatores heterossexismo, esforço constante e restrição emocional em grupos de adolescentes estudantes da rede pública e privada	57
Tabela 8 –	Escore médio dos adolescentes no IHSA, apresentado por fatores e subdividido pelo sexo do adolescente	59
Tabela 9 –	Frequência de classificação geral e por fatores do repertório de Habilidades Sociais dos adolescentes em grupos de sexo masculino e feminino	60
Tabela 10 –	Frequência de classificação geral e por fatores do repertório de Habilidades Sociais dos adolescentes em grupos de adolescentes da rede pública e privada.	62
Tabela 11 –	Resultado do fator de esforço constante após análises comparativas por grupos de sexo.....	64
Tabela 12 –	Resultado das análises comparativas por tipo de rede de ensino	64
Tabela 13 –	Correlações entre Habilidades Sociais, índice de violência no namoro e concordância com regras de masculinidade	65

LISTA DE SIGLAS

HSC	Habilidades Sociais Conjugais
OMS	Organização Mundial de Saúde
CCEs	Contingências Comportamentais Entrelaçadas
PA	Produto Agregado
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
HS	Habilidades Sociais
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
CNS	Comissão Nacional de Saúde
CEP-UFMA	Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TALE	Termo de Assentimento Livre Esclarecido
CADRI	Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory
IHSA	Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1	Violência no namoro: onde e como tudo começa?	18
2.2	Violência no namoro: como a Análise do Comportamento compreende essa agressão?	23
2	A RELAÇÃO ENTRE HABILIDADES SOCIAIS E VIOLÊNCIA NO NAMORO	32
2.1	Habilidades Sociais na adolescência	32
2.2	Estudos acerca da relação entre habilidades sociais e violência no namoro	36
3	OBJETIVOS	42
3.1	Geral	42
3.2	Específicos	42
4	MÉTODO	43
4.1	Delineamento	43
4.2	Aspectos Éticos	43
4.3	Amostra	43
4.4	Local	44
4.5	Materiais e Instrumentos	45
4.6	Procedimentos	47
4.6.1	Coleta de dados	47
4.6.2	Análise de dados	48
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	50
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
	REFERÊNCIAS	72

1 INTRODUÇÃO

Estudos acerca da cultura e da sociedade dentro do campo da Análise do Comportamento não são uma novidade (Glenn, 1988; Moreira, 2013; Skinner, 2003¹; Todorov; Martone; Moreira, 2005). Skinner ressaltou sua importância em diversas ocasiões ao longo de suas obras (Skinner, 2003; 1980; 2007), definindo o comportamento social como "o comportamento de duas ou mais pessoas em relação a uma outra ou em conjunto em relação ao ambiente comum" (Skinner, 1980, p. 325). Skinner ainda pontuou que questões relacionadas a governos, guerras, economia e cultura não seriam pautas claras para as ciências sociais se as pessoas não se juntassem para se comportar em grupos (Skinner, 2003). A partir da década de 1980, no entanto, essa discussão ganhou maior ênfase com a influência dos trabalhos de Sigrid Glenn (1988; 1991; 2005) sobre a relação entre processos comportamentais e culturais.

Para se falar de cultura, é necessário compreender que, em linhas gerais, o comportamento de um indivíduo pode se tornar contexto para o comportamento de outro e assim sucessivamente (Glenn, 1991; Skinner, 2003). Além disso, práticas culturais envolvem a repetição sucessiva de comportamentos operantes semelhantes de pessoas de uma mesma geração e que atravessam gerações também, uma vez que novos repertórios são ensinados de uma geração para outra por meio da imitação de um modelo de comportamento de modo a aumentar a probabilidade de produzir os mesmos reforçadores deste (Glenn, 1991; Skinner, 2003).

Uma conceituação útil para a compreensão de práticas culturais é a de metacontingência e macrocontingência proposto por Glenn (1986). A primeira diz respeito a contingências comportamentais entrelaçadas que resultam em um produto agregado e uma consequência cultural selecionadora, enquanto a segunda envolve contingências comportamentais acumuladas - não entrelaçadas - de vários indivíduos que resultam em um efeito cumulativo (Glenn, 2004; Glenn *et al.*, 2016).

Ainda de acordo com Glenn (1988, p.167), práticas culturais consistem em "um conjunto de contingências de reforçamento entrelaçadas nas quais o comportamento e os produtos comportamentais de cada indivíduo funcionam como eventos ambientais com os quais o comportamento de outros indivíduos interage". Dessa forma, a análise de fenômenos sociais sob a perspectiva analítico-comportamental envolve, também, o olhar sobre contingências comportamentais entrelaçadas de dois ou mais indivíduos. Como disse Skinner (2003, p. 451):

O indivíduo adquire do grupo um extenso repertório de usos e costumes. O queo

¹ A primeira data refere-se ao ano de publicação original da obra e a segunda ao da data consultada.

homem come e bebe, e como o faz, os tipos de comportamento sexual em que se empenha, como constrói uma casa, ou desenha um quadro, rema um barco, os assuntos sobre os quais fala ou cala, a música que compõe, os tipos de relações pessoais que tem, e os tipos que evita - tudo depende em parte dos procedimentos do grupo de que é membro

Dessa forma, é necessário olhar para a cultura para melhor compreender o comportamento humano. A análise de fenômenos sociais tem sido pauta de estudos ao longo de diversas décadas e temas como a violência nos relacionamentos, preconceito e intolerância são influenciados e envolvem fatores relacionados à qualidade das relações sociais (Del Prette; Del Prette, 2014). Isso posto, estudos acerca do conhecimento da dinâmica relacional dos casais são importantes para verificar a incidência ou não de violência nas mais diversas etapas do relacionamento e como os fenômenos sociais os influenciam. Nesta direção, a fase de namoro tem sido discutida e considerada foco de análise para propostas de investigação em diferentes configurações de relacionamentos afetivos (Bertoldo; Barbará, 2006; Caridade; Machado, 2006).

No Brasil, a produção científica se debruça mais sobre o campo das Habilidades Sociais Conjugais (HSC). (Cardoso; Del Prette, 2017; Figueredo, 2005; Villa, 2002; 2005; Villa; Del Prette, 2013), que também podem ser compreendidas como um conjunto de comportamentos que “contribuem para minimizar conflitos e maximizar a satisfação nas relações” (Del Prette; Del Prette, 2001, p.43). Sobre isso, Cardoso e Del Prette (2017) realizaram uma revisão da literatura acerca das HSC, no qual analisaram nove estudos relacionados a essa temática. Os autores apontaram que, mesmo apresentando uma produção cientificamente relevante sobre o tema, ainda há uma baixa produção científica envolvendo as HSC. Dentre os resultados, os dados analisados apontam algumas habilidades como essenciais para a melhora na qualidade da relação de um casal, são elas: automonitoria, assertividade, civilidade, comunicação, expressão de sentimentos positivos, acalmar-se e identificar os estados de descontrole emocional (em si mesmo e no parceiro), escuta não defensiva, validação de sentimentos e outras. Além disso, os autores destacam a importância de se avaliar habilidades sociais em casais nos seus mais diversos ciclos, inclusive durante o namoro, para a obtenção de maiores dados sobre esse fenômeno e elaboração de programas de intervenção. Tais programas precisam ser pautados na compreensão de mudanças comportamentais como mudanças de práticas culturais.

A presença de violência no namoro pode começar desde a pré-adolescência até a vida adulta, tornando-se um possível fator preditor de violência conjugal (Bonache; Gonzalez-Mendez; Krahe, 2017; D’Affonseca *et al.*, 2015; Diniz; Alves, 2015, Paixão *et al.*, 2015). Por

ser uma fase de muitas mudanças físicas e psicológicas, a adolescência traz consigo diversas questões aos jovens que a vivenciam, sejam elas relacionadas ao autoconhecimento, plano de vida para o futuro, orientação sexual ou relações amorosas, podendo contribuir para comportamentos mais rígidos dos adolescentes, que querem demarcar “seu lugar no mundo” (Papalia; Feldman, 2013; Senna; Dessen, 2012). De acordo com Diniz e Alves (2015), esse período da vida do indivíduo é marcado pela presença de uma adesão mais rígida aos papéis de gênero que se mostram mais acentuados. Segundo as autoras:

Adolescentes e jovens do sexo masculino esperam encontrar nas suas relações amorosas a perpetuação de papéis tradicionais de gênero e podem vir a recorrer à violência como forma de manter o controle e dominação sobre suas namoradas. Já as adolescentes tendem a confundir ciúme e controle com amor, o que as induz ao risco de considerar a violência como algo normal nas relações amorosas (Diniz; Alves, 2015, p. 26).

No entanto, a vivência de relações amorosas durante a adolescência é, também, uma oportunidade de exercitar habilidades de comunicação, bem como responsabilidade, lealdade, confiança e respeito em interações entre pares (Teixeira *et al.*, 2015). Dito isso, Del Prette e Del Prette (2017) postulam que interações interpessoais são socialmente competentes quando há equilíbrio na troca de reforçadores entre os indivíduos da relação, devendo ser um processo dinâmico, recíproco e cujo padrão de troca se mantém no médio e curto prazo, uma vez que as trocas, em geral, não são imediatas.

Evidentemente, os relacionamentos saudáveis não são formados apenas dessas ‘pequenas gentilezas’, mas também do exercício contínuo de comunicação empática e assertiva. Vivenciar diferentes emoções, como ternura, alegria, gratidão, amor, amizade, etc., faz parte dos relacionamentos duradouros. Por outro lado, exercitar a comunicação assertiva constitui a base para relações ‘autênticas’ em médio e longo prazo. É amplamente reconhecido que as consequências imediatas da assertividade podem envolver custo para as pessoas em interação (Del Prette; Del Prette, 2017, p. 47).

Ainda que os estudos apontem que relacionamentos entre pessoas com melhor desempenho de habilidades sociais sejam mais saudáveis e duradouros, há uma preocupação diante dos índices de violência no namoro (Barreira; Lima; Avanci, 2013; D’Affonseca *et al.*, 2015; Machado; Caridade; Martins, 2010; Minayo; Assis; Njaine, 2011) que existem nos dias atuais, sendo pauta de discussão em nível mundial, pela Organização Mundial de Saúde (OMS). (OMS, 2017). A exemplo disso, estudos sobre a cronicidade e prevalência de violência no namoro ainda são necessários (Aldrighi, 2004; Gonzalez-Mendez; Rojas-Solís.; Ramírez-Santana, 2017; Spencer *et al.*, 2019), bem como pesquisas acerca da possível aplicação e desenvolvimento de intervenções preventivas desse fenômeno (De La Rue *et al.*, 2016; Murta *et al.*, 2013; 2020; Santos; Murta, 2016).

Para D’Affonseca *et al.* (2015), os relacionamentos amorosos abrangem uma parte

significativa da vida das pessoas e, quando acontecem no período da adolescência, podem facilitar o processo de desenvolvimento de habilidades para esses jovens. As autoras ressaltam que, quando há presença de violência ou abuso na relação, essa experiência pode ser prejudicial a longo prazo, implicando na continuidade dos padrões de violência ao longo da vida adulta também e continuidade de práticas culturais de violência de geração para geração.

Nessa linha, discute-se não apenas a prevalência da violência ao longo da história de vida de um indivíduo, mas também as implicações dessa perpetuação dentro de um grupo social.

Comodo, Del Prette e Del Prette (2017) discutem sobre a intergeracionalidade de comportamentos, incluindo do repertório de habilidades sociais entre gerações, e Paixão *et al.* (2015) também abordam o caráter intergeracional da violência conjugal, tanto para a vítima, como para o autor da violência. Os autores ressaltam a importância de se identificar padrões de comportamentos ainda na infância e adolescência, de modo a evidenciar a possibilidade de reprodução de fenômenos sociais, tais como racismo, homofobia e a própria violência conjugal.

A discussão sobre violência no namoro em adolescentes, em especial no Brasil, ainda se apresenta incipiente (Diniz; Alves, 2015; Barreira; Lima; Avanci, 2013; Minayo; Assis; Njaine, 2011). Para compreender o fenômeno da violência no namoro em adolescentes, é necessário fomentar a literatura sobre o tema para, assim, contribuir não apenas no plano acadêmico, mas também nas suas implicações sociais. Pinheiro e Oshiro (2019) ressaltam a importância dos psicólogos estarem atentos às variáveis como invalidação, violência e abuso no atendimento de pessoas que estão inseridas em um relacionamento amoroso, em especial em mulheres. Como exposto, o desenvolvimento de habilidades sociais pode servir para incentivar programas de prevenção e intervenção, uma vez que esse repertório comportamental pode atuar como fator de proteção para violência no namoro (Del Prette; Del Prette, 2014; Maaset *al.*, 2010; Spencer *et al.*, 2019) e mudanças de práticas culturais.

Skinner (1980) alegou que uma mudança a nível cultural acontece quando novas práticas sociais são apresentadas e modificam-se as condições sob as quais elas são selecionadas quando o ambiente em que os homens vivem é também modificado. Afinal, “recusar-se a fazer qualquer uma dessas tarefas equivale a deixar ao acaso as mudanças em nossa cultura, e o acaso é o verdadeiro tirano a se temer” (Skinner, 1980, p. 208).

Assim, o presente estudo busca analisar, com base na perspectiva analítico-comportamental e o campo teórico-prático das habilidades sociais, a relação entre três variáveis: o repertório de Habilidades Sociais, o índice de violência no namoro e a presença de regras sociais sobre masculinidade. Além disso, pretende responder ao seguinte problema de pesquisa: “Qual a relação entre o repertório de Habilidades Sociais, violência no namoro e regras sobre

masculinidade em adolescentes?”

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Violência no namoro: onde e como tudo começa?

O título proposto para esta seção permite o desenvolvimento da temática da violência a partir de variados recortes, das relações de poder e coerção perpetradas por povos mais fortes sobre povos mais fracos, por patrícios sobre os plebeus, por brancos sobre negros e de homens sobre mulheres. Neste último caso, a violência entre parceiros íntimos costuma ser analisada a partir de uma perspectiva sócio-histórica na qual as relações de violência são produtos de uma cultura patriarcal que é propagada de geração para geração, por meio do fenômeno intergeracional. Desta forma, será feito um debate geral sobre o conceito da violência e o papel de práticas culturais na construção dos papéis de gênero. Por fim, dados de pesquisas que indicam que a violência entre parceiros íntimos ocorre em fase precoce dos relacionamentos afetivo-sexuais juvenis, o chamado “namoro”, serão apresentados.

A violência é um fenômeno complexo que possui diversas facetas e envolve diversos elementos histórico-culturais, permeados por questões de gênero, étnico-raciais, de classe e de geração (Brasil, 2011). Existem inúmeras análises sobre as faces da violência, bem como suas origens e funções. A etimologia da palavra inicia a discussão da temática, vindo do latim *violentia* e significa força, vigor, emprego de força física, mas também quantidade, abundância e força em ação, evidenciando o uso de uma força não qualificada ou até mesmo impulsiva e desproporcional (Bonamigo, 2008; Michaud, 1989; Oxford University Press, 1968).

Ainda, Domenach (1978, p. 777) enfatiza que “a violência é tão velha quanto o mundo; cosmologias, mitologias e lendas mostram-na vinculada às origens, acompanhando sempre os heróis e os fundadores [...]”. Além disso, o autor defende que ela funciona, também, como uma forma de dominação e exercício de poder de uma parte sobre outra com a finalidade de obter algo que não foi livremente consentido. Por outro lado, Khan (1978) debate a violência enquanto um ato de agressão deliberada, impulsiva e desproporcional, que pode ou não envolver a finalidade de obter algo de alguém, mas também tem a intenção de manipular, intimidar ou apenas causar danos físicos e/ou psicológicos em outra pessoa.

A violência é considerada um problema de saúde pública e, na tentativa de democratizar sua definição para que pudesse ser analisada cientificamente, a OMS, por meio do *World Report on Violence and Health* (2002), conceituou esse fenômeno como:

O uso intencional de força física ou poder, seja este consumado ou sob forma de ameaça, contra uma pessoa, um grupo ou uma comunidade e que resulta ou tenha probabilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação (Organização Mundial de Saúde, 2002, p. 5, tradução nossa).

Ainda de acordo com o relatório, a violência pode ser dividida em três categorias a

dependem das suas características, sendo elas: a violência autodirigida; a violência interpessoal; e a violência coletiva. A segunda delas, violência interpessoal, pode ocorrer dentro de uma relação de intimidade, de uma comunidade ou de um grupo social (Organização Mundial de Saúde, 2002). Seguindo essa direção, Oliveira (2021) considera que a violência presente nas relações de intimidade ou nas relações de namoro é transversal a toda a sociedade, existindo desde sempre. Nesse sentido, segundo a Organização Mundial de Saúde (2010), a violência praticada por parceiro íntimo diz respeito ao comportamento de um parceiro ou ex-parceiro que causados danos físicos, sexuais ou psicológicos, incluindo agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos de controle sobre o outro.

Embora a temática seja amplamente discutida por diversos autores e áreas do saber, predomina-se a perspectiva que ressalta a ocorrência desse fenômeno sob a ótica da vitimização feminina em decorrência de regras sociais relacionadas ao gênero, em que a cultura costuma colocar o homem como autor da violência e a mulher como vítima (Caridade; Machado, 2006). De outra forma, isso não significa a inexistência da violência sob homens. A exemplo, o estudo de Reid *et al.* (2008), realizado com 420 homens com idade a partir de 18 anos, analisou a prevalência de violência praticada por parceiro íntimo em homens. Os resultados apontaram que 28,8% dos homens experienciaram violência no relacionamento íntimo nos últimos cinco anos a partir da data do estudo. Em uma revisão da literatura sobre o tema, Lewis e Freemouw (2001) postularam que, embora o gênero seja uma variável com influência significativa na análise desse fenômeno, homens também estão suscetíveis a vivenciarem situações de abuso dentro de relacionamento, sendo ele físico ou não.

Segundo Bertoldo e Barbará (2006), o namoro é uma interação afetiva caracterizada, principalmente, pela estabilidade dessa interação entre duas pessoas, sendo inversamente relacionado à probabilidade de uma das partes deixar a relação. Para Minayo, Assis e Njaine (2011, p. 57), “os relacionamentos são válidos enquanto têm algo proveitoso a oferecer às partes”. No entanto, mesmo quando a relação compromissada é avaliada negativamente, muitos casais continuam unidos em vista de ganhos secundários relacionados à manutenção do compromisso (Bertoldo; Barbará, 2006). Existem diversos fatores que podem influenciar a permanência de uma pessoa em uma relação de violência, como fatores socioeconômicos, regras sociais, práticas culturais e a própria história de vida do indivíduo (Oliveira, 2009).

Machado, Caridade e Martins (2010) verificaram a prevalência de violência física ou psicológica no namoro em uma amostra de 1.667 jovens com idade entre 13 e 29 anos. As autoras observaram que 25,4% dos participantes afirmaram já terem sido vítimas de violência por parte do parceiro íntimo no último ano, enquanto 30,6% declararam terem sido autores do

comportamento violento contra o parceiro, tendo a violência física aparecido em 18,1% das afirmações dos participantes. Ainda, as autoras discutem que os homens apoiam mais a violência no namoro do que as mulheres, enquanto estas relataram mais atos de violência nos relacionamentos íntimos do que os homens.

O Instituto Avon (2013), em parceria com o Data Popular, entrevistou 1.500 homens sobre a percepção deles em relação à violência contra a mulher praticada por parceiro íntimo. Os dados encontrados apontam que 41% conhece um homem que já foi violento com alguma parceira e, no entanto, apenas 16% dos homens assumem terem sido agressivos com alguma companheira, seja ela atual ou ex-parceira, enquanto 12% dos homens que estavam em um relacionamento admitiram terem sido violentos com a atual companheira. Dentre as respostas agressivas, 53% afirmaram já terem xingado a parceira e 19% afirmaram ter empurrado. Sobre esses dados, Sérgio Flávio Barbosa, Coordenador do projeto “Homens Autores de Violência Contra Mulheres”, enfatiza a naturalização da violência e da sua construção dentro das relações sociais, em especial nos relacionamentos íntimos (Instituto Avon, 2013, p. 12).

Para uma violência física acontecer, é porque já ocorreram várias outras violências de forma psicológica, moral. São essas as que mais danificam a relação e principalmente a saúde mental das mulheres – e dos homens também. Muitos homens nem sabem quando aconteceu isso, porque não encaram essa violência como alguma coisa construída, acham que é natural.

Sobre a construção e naturalização da violência, Guacira Lopes Louro (2003) discorre sobre a “fabricação das diferenças” e o sexismo que é ensinado às pessoas desde a infância – seja em casa, seja nas escolas. Assim, a naturalização começaria nas práticas comuns da rotina, por meio da separação de “coisas de menina” – com atividades como pintura, costura e brincar de boneca/casinha –, das “coisas de menino”, que envolveriam atividades como jogar bola, correr, etc. Esses padrões de gênero não são exclusivos da infância, sendo instalados nesta fase e podendo continuar até a fase adulta, como é o caso dos homens que ainda rotulam ações tais como “ser carinhoso” e “falar sobre sentimentos” como comportamentos tipicamente femininos (Instituto Avon, 2013).

O documentário “The mask you live in” (2015) discute sobre a construção do conceito de masculinidade e de como regras sobre o papel masculino estão integradas a essa concepção. Os meninos são ensinados, desde cedo, que existem papéis masculinos e femininos, aprendendo que “homens não devem chorar”, “homens devem ser dominantes e ter o controle sobre tudo” ou “homens podem usar violência para resolver seus problemas”. O longa-metragem também traz à tona a perspectiva dos homens que são, ao mesmo tempo, culpados e vítimas de uma “cultura da masculinidade”. (The mask [...], 2015). Nessa linha, o documentário “O silêncio dos

homens” (2019) aborda essa temática em uma pesquisa realizada com aproximadamente 40.000 pessoas, em parceria com a ONU Mulheres, no qual discorre sobre a transmissão intergeracional de regras sociais acerca da masculinidade. Assim, o conceito de masculinidade baseado na força e na não-sensibilidade é transmitido de pai para filho e difundido no contexto social do indivíduo. Como efeito, são identificadas nos homens, com frequência cada vez maior, demandas relacionadas à falta de controle de impulsividade e dificuldade na identificação, nomeação e gerenciamento de emoções. (O silêncio [...], 2019).

Guerra *et al.* (2015) realizaram uma pesquisa para investigar a relação entre as concepções de masculinidade, preocupação com a honra e valores humanos entre homens e mulheres. A pesquisa foi dividida em dois estudos e a diferença entre eles é que a coleta de dados foi presencial no primeiro e *online* no segundo. Os instrumentos utilizados em ambos os estudos foram: a Escala de Concepções da Masculinidade de Oransky e Fisher (2009), a Escala de Preocupação com a Honra HS-16 desenvolvida por Rodriguez-Mosquera, Manstead e Fischer (2002) e o Questionário de Valores Básicos desenvolvido por Gouveia (2003; 2013). No primeiro estudo, participaram 275 estudantes universitários, com idades entre 17 e 49 anos, enquanto no segundo estudo participaram 220 respondentes com idade entre 17 e 65 anos. Quanto aos resultados, os autores discorrem que, para homens e mulheres, há uma concordância com a visão heterossexista, que ainda é associada com a honra masculina e aos valores materialistas. Sobre isso, os autores afirmam que o heterossexismo se associa com a ideia de força e capacidade de proteção, enquanto para as mulheres essa concepção diz respeito à preocupação com a honra feminina, considerando a castidade, integridade e discrição da mulher na sua relação com a reputação da família. Os autores concluem que tanto homens como mulheres estão sujeitos a normas sociais que delimitam papéis de gênero, estando inseridos em um processo social no qual são os sujeitos afetados por essas normas, mas também os que legitimam e reforçam o ensino delas.

Nesse sentido, Rosostolato (2019) discute sobre o conceito de alexitimia – a dificuldade em reconhecer os sentimentos – e sua relação com a cultura da masculinidade, no qual a restrição emocional é ensinada e reforçada através das gerações. Assim, meninos são ensinados que falar sobre seus sentimentos, medos e dúvidas é sinônimo de fraqueza, do “não-homem”. Da mesma maneira, o autor ressalta que o medo do que não é considerado “coisa de homem” pode reforçar práticas de violência contra a mulher, uma vez que existem características repelidas por esta masculinidade, como homossexualidade e feminilidade.

Diniz e Alves (2015) debatem sobre as relações entre homens e mulheres e as questões de gênero que as permeiam, destacando que a adolescência é um período significativo na vida

das pessoas e crucial para a construção da identidade. Sobre isso, as autoras ressaltam o papel da cultura na aprendizagem de regras sociais que influenciam a divisão dos papéis de gênero, destacando a influência da família, da comunidade e da escola nesse processo.

O Instituto Avon (2014), novamente em parceria com o Datapopular, realizou uma pesquisa com 2046 jovens entre 16 e 24 anos sobre a percepção deles frente ao machismo. Apesar de 96% confirmarem a existência do machismo no Brasil, a maioria ainda aprova valores machistas, evidenciando que 51% concordam com frases como “a mulher deve ter a primeira relação sexual com um namorado sério” e quase 40% apoia outras afirmações como “A mulher que tem relações sexuais com muitos homens não é para namorar”. Além disso, pelo menos 50% reprovam comportamentos não conservadores da mulher, como sair com os amigos sem o companheiro ou ter relações sexuais com o homem no primeiro encontro, e 80% reprovam comportamentos da mulher de ficar bêbada em bares ou na balada ou de ter vários “ficantes” ao mesmo tempo. Sobre isso, Pinto, Meneghel e Marques (2007, p. 239) argumentam que:

A sociedade patriarcal provê experiências diferentes para meninos e meninas; da menina é esperado comportamento meigo, gentil, carinhoso, passivo. São consideradas sensíveis, ou fracas, como se sempre estivessem necessitando de proteção. Dos meninos é esperado que sejam rudes, autoritários, “durões”, sujos, que tenham força e não demonstrem fraqueza.

Minayo, Assis e Njaine (2011) pesquisaram sobre a violência nas relações afetivo-sexuais de “ficar” ou de namorar em 3.205 jovens de 15 a 19 anos de idade, estudantes de escolas públicas e privadas de capitais de 10 estados brasileiros. Os resultados demonstraram que 85% dos jovens já praticaram ou experienciaram violência verbal, sendo ela a mais frequente para ambos os sexos. Quanto às outras formas de violência, 43,8% afirmaram terem praticado e 38,9% vivenciado a sexual, enquanto 24,1% perpetraram e 19,6% viveram a física. Ainda, a presença de brigas com o parceiro escolhido foi relatada por 82,8% dos participantes. Sobre isso, os autores apontam a naturalização da violência como um dos principais obstáculos para transformar essas relações em relacionamentos mais dialógicos. Outra questão de destaque encontrada pelos autores mostra que os adolescentes raramente procuram ajuda para resolver situações de violência no namoro ou no 'ficar', independente de classe social.

Barreira, Lima e Avanci (2013) investigaram a prevalência de perpetração de violência física e psicológica entre 302 adolescentes de escolas públicas e particulares de Recife, com idade entre 15 e 19 anos, que estiveram em um relacionamento amoroso ou encerraram uma relação amorosa em até um ano. Dentre os resultados, 20% dos adolescentes afirmaram perpetrar violência física contra parceiro, enquanto a prevalência de prática de violência psicológica foi de 82,8%. A frequência de perpetração de violência física e psicológica

simultaneamente foi de 19%.

Maas *et al.* (2010) investigaram a presença de preditores na infância para a violência no namoro durante a adolescência. Para isso, foram selecionados 941 participantes, sendo 503 meninos e 438 meninas. Os preditores encontrados incluíam fatores de risco para a violência no namoro, como maus tratos na infância, pobreza e violência entre os pais, e fatores de proteção também, tais como o repertório de habilidades sociais e proximidade entre pais e filhos.

A temática da violência no namoro tem sido abordada em diversas áreas do conhecimento, como as Ciências Sociais e Humanas (Barreira; Lima; Avanci, 2013; Minayo; Assis; Njaine, 2011; Sinclair, 1985). A Psicologia não tem se eximido desse debate (Murta *et al.*, 2016), nem mesmo a Análise do Comportamento (Silva, 2017; Gomes; Costa, 2014; Callou *et al.*, 2016). Nesse sentido, o tópico que se segue apresenta a uma discussão a luz da teoria behaviorista radical skinneriana.

2.2 Violência no namoro: como a Análise do Comportamento compreende essa agressão?

Na Análise do Comportamento, adota-se o modelo de seleção por consequências, que compreende o repertório comportamental como produto de um processo que atua em três níveis de variação e seleção e pode explicar como um repertório surgiu, bem como sua manutenção ou alteração, sendo eles: a filogênese, que envolve as características fisiológicas, relações comportamentais inatas e a suscetibilidade do organismo ao condicionamento respondente e operante; a ontogênese, que envolve os padrões comportamentais específicos de cada indivíduo; e a cultura, que inclui contingências especiais mantidas por um ambiente cultural evoluído e explica o surgimento de práticas culturais que podem ser transmitidas de geração a geração (Andery, 2001; Skinner, 2007).

Ao falar sobre cultura, Skinner (1980) já trazia a ideia de um conjunto de contingências que se relacionam a uma cadeia de comportamentos que são emitidos pelas pessoas, bem como mantidos e perpetuados por elas. Dessa forma,

Uma cultura não é o comportamento das pessoas “vivendo nela”: é “aquilo” em que elas vivem — as contingências do reforço social que geram e mantêm o seu comportamento. (As contingências são mantidas por outros membros do grupo, cujo comportamento ao mantê-las é produto das contingências anteriores, assim como o comportamento do ouvinte na modelagem e manutenção do comportamento do orador é o produto das contingências anteriores na comunidade verbal.) Registrar o que fazem as pessoas numa cultura é um passo importante — mas é apenas um primeiro passo — na descoberta de por que o fazem (Skinner, 1980, p. 184)

Corroborando com essa noção, Glenn (2004) propõe a definição de metacontingência. Atualmente, sua definição consiste em (Glenn, 2004; Glenn *et al.*, 2016; Sampaio; Leite, 2015)

um conjunto de ações coordenadas de um grupo de pessoas, também chamado de Contingências Comportamentais Entrelaçadas (CCEs) que geram um Produto Agregado (PA) decorrente desse conjunto e implicam em uma consequência cultural, que é uma mudança no ambiente contingente à relação entre as CCEs e PA. A definição de metacontingência proposta por Glenn impulsiona a análise de fenômenos culturais (Martone, 2002; Glenn, 1986; 1988; 2004; Todorov, 1987).

Considerando o fenômeno da violência de gênero, é no âmbito da cultura que se estabelece, desde muito cedo, os papéis de gênero que devem ser exercidos na sociedade, sendo difundido durante gerações por meio de hábitos, costumes e regras (Gomes *et al.*, 2015). Aliás, é o reforçamento dessas práticas culturais que faz com que os papéis de homens e mulheres sejam definidos e naturalizados (Sant'Anna, 2003).

O estudo de Silva (2017) procurou identificar a ocorrência de violência na fase do namoro em 50 estudantes universitários do Maranhão, sendo 25 homens e 25 mulheres, que estavam em uma relação afetiva há pelo menos um ano. Os participantes responderam um questionário dividido em três seções: a primeira consistia em uma avaliação geral do namoro; a segunda parte avaliava aspectos relacionados à qualidade da relação afetiva; e, por fim, a última analisava situações de conflitos a partir de 72 assertivas. Quanto aos resultados, os participantes apontaram maiores índices para violências físicas e psicológicas nos relacionamentos, ressaltando-se a mutualidade nas respostas agressivas físicas e verbais e concordância com regras sociais que legitimam a presença de brigas em um relacionamento.

Skinner (1980) conceituou regras como estímulos discriminativos verbais que descrevem uma relação entre eventos. Regras, portanto, são estímulos descritores de contingências. Entende-se que, ao dizer que uma resposta é controlada por regras, ela está sob controle do estímulo verbal - regra, que é um estímulo antecedente verbal (Baum, 2006). Grande parte do repertório comportamental que as pessoas apresentam é adquirido por meio de descrições verbais que especificam contingências (Castanheira, 2001). Sobre isso, Baum (2006, p. 177) escreve:

Talvez as pessoas sejam tão propensas a seguir regras em parte porque são expostas, desde muito cedo, a tantas e tão diferentes relações de reforço próximas. Inúmeras vezes as crianças fazem o que lhes mandam fazer e ganham doces, afeto e aprovação. As regras são verbalizadas pela mãe, pai, outros membros da família e depois pelos professores. Existem até mesmo jogos que ensinam a seguir regras, tais como o *faça o que seu mestre mandar*.

Regras exercem diversas funções, podendo funcionar como estímulos discriminativos (Skinner, 1980), operações motivadoras ou como estímulos alteradores de função de outros estímulos (Malavazzi; Pereira, 2016; Paracampo; Albuquerque, 2005). Cada cultura tem suas

regras e as pessoas são ensinadas a segui-las, sendo esse seguimento reforçado pelos membros dessa cultura. O homem, enquanto um ser social e histórico, aprende na interação com o mundo e consegue mudar seus comportamentos em função das alterações produzidas nesse mundo. Essa aprendizagem acontece, especialmente, por meio da mediação de outras pessoas (Moreira; Hanna, 2012; Skinner, 2003). Um grupo social é capaz de compartilhar valores, padrões de comportamento e, também, regras. Com isso, o comportamento de seguir regras passa a ser seguido cada vez mais, tornando-se uma habilidade generalizada (Baum, 2006). Nessa perspectiva, Comodo, Del Prette e Del Prette (2017) discorrem sobre a transmissão de classes de comportamentos ao longo das gerações, sendo importante investigar seu efeito nas práticas culturais e assumindo-se a possibilidade de que podem trazer benefícios ou malefícios a um grupo social.

As regras estabelecidas pela cultura e o reforçamento de práticas culturais também estão presentes na definição dos papéis que homens e mulheres devem exercer na sociedade, fazendo com que os comportamentos que são apropriados para cada gênero sejam naturalizados (Sant'Anna, 2003). No entanto, não existem apenas regras sociais que delimitam os papéis masculino e feminino, mas que especificam padrões de comportamentos nas relações entre os casais, tais como: “é dever da mulher apoiar e obedecer ao marido”, “nenhuma relação é um mar de rosas, por isso é necessário perdoar”, “não posso sair sem meu namorado” ou “o ciúme está relacionado ao excesso de amor” (Gondim, 2013; Sant'Anna, 2003; Sinclair, 1985).

Parte dos homens que apresentam respostas agressivas na relação com suas companheiras justificam suas atitudes como uma validação da sua masculinidade, externalização da culpa por meio da culpabilização a outra pessoa ou estímulo, como a própria mulher ou o uso de alguma substância psicoativa, além do “ciúme” (Sinclair, 1985). Quanto a este último, é possível observar, em múltiplos meios midiáticos, algumas das diversas regras sobre ele que são transmitidas socialmente, como na canção do músico popular brasileiro Roberto Carlos, de 1968: “Se você me diz que vai sair/ Sozinha eu não deixo você ir/ Entenda que o meu coração/ Tem amor demais meu bem e essa é a razão/ Do meu ciúme, ciúme de você”, que retrata a regra “o amor é a razão do ciúme” (Gondim, 2013).

O “ciúme” é constantemente associado à violência contra a mulher cometida por seus parceiros, supondo-se uma relação causal entre ambos (Gondim, 2013; Lacerda, Costa, 2013). Sobre isso, o estudo de Lacerda e Costa (2013) buscou identificar a relação entre o “ciúme” nos relacionamentos amorosos e violência contra a mulher por meio de relatos de mulheres vítimas de violência praticada pelo companheiro. Para isso, 10 mulheres foram entrevistadas e tiveram que responder a três perguntas: a) “Seu parceiro (o responsável pela agressão) é ciumento?”; b)

definição de ciúme; c) e situações que antecederam as respostas emocionais ciumentas. Dentre os resultados, mais da metade das participantes considerava seu companheiro ciumento acima do padrão saudável. Além disso, foram encontradas diversas definições sobre o comportamento emocional ciumento, sendo elas: 1) “ciúme” como psicopatologia/doença; 2) posse; 3) resposta saudável; 4) desconfiança; 5) falta de confiança; 6) medo de traição; e 7) inveja. De acordo com as autoras, o comportamento emocional ciumento foi visto como algo negativo, sendo mais frequente a sua definição enquanto “doença” ou “psicopatologia” (N=7), seguida de “ciúme como posse” (N=5). Quanto aos antecedentes às respostas emocionais ciumentas, as participantes relataram situações de suspeita de envolvimento com outra pessoa, seja do sexo masculino ou feminino, o que poderia significar que a situação tinha alta probabilidade de divisão de reforçadores que eram próprios da relação amorosa.

No que diz respeito às influências das regras sociais, Gomes e Costa (2014) investigaram a relação entre regras sociais e violência contra a mulher com 264 estudantes universitários, por meio de um questionário com afirmações como: “é dever da mulher ficar ao lado do marido, em qualquer circunstância”, “roupa suja se lava em casa”, “mulher gosta de apanhar”, entre outros. O participante deveria responder de acordo como nível de concordância com cada sentença. Foi observado que, quanto menor o nível de escolaridade, maior a concordância com as frases que, de alguma maneira, se relacionavam à violência contra a mulher. As autoras ressaltaram que “se, por um lado, houve baixos índices de concordância total com as frases, por outro, a grande maioria afirmou conhecer alguém que concorde com as afirmativas apresentadas” (Gomes; Costa, 2014, p. 97). Para esse dado, foi atribuída à influência da aprovação social, levantando a hipótese na qual os participantes provavelmente responderam de acordo como que seria considerado socialmente “correto” quando a pergunta feita se referia diretamente a eles.

Callou *et al.* (2016) replicaram o estudo de Gomes e Costa (2014) com 223 pessoas, sendo 136 estudantes universitário e 87 estudantes não universitários cursando ensino fundamental e médio. As taxas de concordância mais altas foram “privacidade da relação” e “maior tolerância à violência quando ocorrida verbalmente”, que chegaram, respectivamente, à 74,6% e 64,6%. A taxa de discordância mais alta foi a da categoria “modelo de família intacta é o ideal”, com 72% de discordância total do item. Os entrevistados dessa pesquisa, mesmo sem assinalar concordância explícita, afirmaram que conheciam pessoas que concordavam, como aconteceu no estudo de Gomes e Costa (2014). Sobre isso, sugere-se que “esse assunto foi verbalizado em interações passadas com conhecidos, denotando seu compartilhamento entre a comunidade verbal e, portanto, maior aceitação social de relatos que denotem concordância

com algumas regras em detrimento de outras” (GOMES, 2014, p. 88). As autoras também encontraram relações significativas entre a idade, nível educacional e status social dos participantes, o que indica que as pessoas que mais tenderam a responsabilizar as mulheres foram homens mais velhos, com baixo nível de instrução e de classe social mais baixa.

Na Análise do Comportamento, Sidman (2009) trata a violência como sinônimo de coerção, compreendendo-a como um tipo de controle aversivo que se dá pelo uso de reforçamento negativo e da punição. O reforço negativo consiste em uma consequência que aumenta a frequência da resposta emitida por meio da retirada ou da evitação de um estímulo aversivo (CATANIA, 1999; MOREIRA; MEDEIROS, 2007). A título de exemplo, tem-se o caso de uma parceira que discute com seu namorado quando ele olha frequentemente para outras mulheres quando está com ela. Em outras ocasiões, é provável que o namorado passe a evitar olhar para as mulheres quando está com a parceira, de modo a se esquivar de uma possível briga com ela.

Já a punição consiste em um tipo de consequência que diminui a frequência da resposta emitida. Aqui, fala-se de dois tipos de punição: a positiva, que diminui a probabilidade da resposta voltar a ocorrer através da adição de um estímulo aversivo no ambiente da pessoa; e a negativa, que diminui a probabilidade de uma resposta voltar a ocorrer por meio da retirada de um estímulo reforçador do ambiente (Catania, 1999; Moreira; Medeiros, 2007). Como exemplo, um namorado que dá um tapa na namorada por ela ter saído com roupas muito curtas, estará punindo-a positivamente, através da adição do estímulo aversivo tapa. Caso esse namorado se aproxime para consumir uma relação sexual e a namorada se recusar, ela estará punindo negativamente a resposta do namorado de se aproximar por meio da retirada da relação sexual.

Sidman (2009) afirma que a punição existe por que as pessoas acreditam que levarão o outro a agir diferentemente, seja com o intuito de parar ou prevenir certas ações. Uma pessoa pune alguém quando avalia que a conduta do outro é considerada má para a comunidade, para outro indivíduo ou para si mesma. Dessa maneira, a agressão torna-se funcional no contexto de quem agride, uma vez que a aversividade da agressão, algumas vezes, detém a resposta indesejável, pelo menos temporariamente, embora também possa gerar contracontrole.

O contracontrole é um dos possíveis efeitos do controle aversivo, no qual o indivíduo que tem seu comportamento controlado passa a emitir uma nova resposta, escapando e impedindo que o agente controlador mantenha o controle sobre o seu comportamento (Skinner, 1974/2006). A mentira, por exemplo, pode funcionar como uma resposta de contracontrole, quando a namorada sai com as amigas na sexta à noite e, quando perguntada pelo namorado, emite o comportamento de mentir falando que estava em casa para evitar uma possível

consequência aversiva do companheiro. Ademais, o movimento feminista também pode ser considerado, de forma mais generalizada, um tipo de contracontrole para a cultura patriarcal vigente na sociedade.

Ainda que o controle coercitivo ameace o bem-estar do ser humano, ele, no entanto, também é naturalizado por este. Como exposto, as contingências presentes no cotidiano do organismo colocam o controle coercitivo como forma de interação predominante, onde as pessoas não mais percebem que outras formas de relação poderiam ser possíveis (Andery; Sério, 1999).

De forma mais ampla, pode-se dizer que a cultura da sociedade brasileira, assim como a de outros países, é uma cultura patriarcal. Isso significa que existe uma forma de organização e dominação social na qual os homens estão em uma relação de controle sobre as mulheres (Saffioti, 2004). Ainda, segundo Pateman (1993, p. 16):

A dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas estão em questão na formulação do pacto original. O contrato social é uma história de liberdade; o contrato sexual é uma história de sujeição (...). O pacto original é tanto um contrato sexual quanto social: é social no sentido de patriarcal – isto é, o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres –, e também sexual no sentido do estabelecimento de um acesso sistemático dos homens ao corpo das mulheres.

Skinner (2003, p. 455) postula que “a cultura na qual um indivíduo nasce se compõe de todas as variáveis que o afetam e que são dispostas por outras pessoas”. Dessa forma, o indivíduo se comporta de modo em que reproduz uma cultura já estabelecida, transmitindo as práticas culturais de geração em geração (Freitas; Morais, 2019; Skinner, 1971).

De acordo com Freitas e Morais (2019), regras sociais e outras contingências culturais passam a fazer parte do rol de modelagem e modelação dos comportamentos de um indivíduo, influenciando na delimitação de papéis que é estabelecida, desde cedo, entre homens e mulheres.

Comportamentos considerados tipicamente femininos (e masculinos) são efeitos do controle diferencial exercido pelos membros de uma cultura ao se relacionarem com meninos e meninas desde o nascimento. Porém, o relacionar-se diferencialmente com homens e mulheres não produz apenas comportamentos estereotipicamente masculinos e femininos, produz, também, dominação masculina sobre as mulheres (Freitas; Morais, 2019, p. 112).

Tradicionalmente, enquanto o homem era ensinado a responder para uma esfera pública de trabalho, a mulher era criada para responder dentro de uma esfera privada, envolvida em atividades do lar e da família (Ruiz, 2003). Em termos analítico-comportamentais, Ruiz (2003) explica que o sexo da pessoa funciona como estímulo discriminativo para emissão de práticas culturais, uma vez que alguns contextos sociais tendem a oferecer mais recursos relacionados à

atenção, ensino e trabalho aos homens do que às mulheres.

Nesse sentido, Couto e Dittrich (2017) discutem o nascimento do movimento feminista em dois aspectos: é, antes de tudo, uma forma de analisar as relações interpessoais sob a ótica de gênero; e também é um movimento que busca a transformação dessas relações. Bell Hooks (2018), em seu livro “feminismo é para todo mundo”, conceitua o feminismo, em linhas gerais, como um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão.

Ruiz (1998) aproxima essa discussão primária do movimento feminista com a perspectiva analítico-comportamental ao ponderar aproximações entre a teoria feminista e a filosofia behaviorista radical. O principal ponto de convergência apontado pela autora destaca na importância do ambiente para a compreensão do comportamento humano (RUIZ, 1995; RUIZ, 1998). Para Skinner (2003, p. 16), o comportamento “(...) é um processo e não uma coisa (...), é mutável, fluído e evanescente”, podendo ser compreendido como aquilo que o organismo faz a partir da relação que tem com o ambiente (SKINNER, 1938). Segundo Couto e Dittrich (2017, p. 153), “algumas das críticas feministas à sociedade também encontram eco no behaviorismo radical, como a crítica a internalismos e biologicismos na descrição do comportamento humano”. O feminismo, portanto, é um movimento que não busca um alvo de culpa – por exemplo, os próprios homens – para a cultura patriarcal. Na verdade, o movimento feminista busca a compreensão dessa cultura, suas práticas, sua transmissão e os comportamentos nela envolvidos (Hooks, 2018).

Ao longo da história, o Estado atravessou diferentes perspectivas para compreender a violência perpetrada por parceiro íntimo. A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS, 2010), vinculada à Organização Mundial de Saúde, aponta como principais: a perspectiva de gênero, voltada ao patriarcado, às relações hierárquicas e às construções sociais referentes ao que é masculino e feminino; em segundo, a abordagem dos Direitos Humanos, baseada na obrigação que o Estado detém de respeitar, proteger e cumprir os direitos humanos, devendo prevenir, extinguir e punir a violência contra parceiro íntimo; já a terceira perspectiva consiste na abordagem da justiça criminal, que busca identificar a violência depois que ela já ocorreu, assim como especificar seu autor, além de garantir o cumprimento das leis vigentes e sua execução penal; por último, há a abordagem da saúde pública, que norteia-se pela ciência, de forma interdisciplinar e intersetorial, com base no modelo ecológico que enfatiza a prevenção primária (OPAS, 2010, p.7).

Em vez de se focar em indivíduos, a abordagem da saúde pública objetiva providenciar o máximo benefício para o maior número de pessoas e providenciar uma melhor atenção e segurança a populações inteiras. A abordagem da saúde pública é interdisciplinar, inspirando-se em muitas disciplinas, incluindo epidemiologia, sociologia, psicologia, criminologia, educação e economia. Devido ao fato de que a

violência sexual e a praticada pelo parceiro íntimo englobam problemas multifacetados, a abordagem da saúde pública enfatiza uma resposta multisetorial (...). A abordagem da saúde pública considera que a violência, em vez de ser o resultado de um único fator, é o resultado de fatores de risco e causas múltiplas interagindo em quatro níveis articulados e hierarquizados de circunscrição – individual, relação estreita/família, comunidade e sociedade como um todo.

Essa relação com os níveis citados aproxima-se da filosofia do behaviorismo radical de não tratar o comportamento considerando relações causais e nem aceitar a determinação de um comportamento sobre outro. Assim, compreender o fenômeno da violência no namoro implica em olhar, também, para o ambiente em que ela acontece. A resposta agressiva é apenas uma parte da relação e não pode ser entendida isolada do contexto no qual ocorre, o que faz ser necessário, dentro da perspectiva skinneriana, olhar para toda a contingência, incluindo as variáveis antecedentes e consequentes à resposta do organismo (Skinner, 1938; Skinner, 1980; Todorov, 2007).

Segundo Diniz e Alves (2015), a presença de comportamentos violentos na relação de namoro pode começar desde a adolescência, nas primeiras experiências amorosas do sujeito, e podendo se estabelecer até a vida adulta. Em casos de violência conjugal, é possível perceber que, muitas vezes, essa ocorrência é antecedida pela presença de respostas violentas na fase do namoro também. Ainda, a violência não é unilateral: em relações heterossexuais, ela pode ocorrer tanto com homens como mulheres, embora estes sejam comumente os principais autores em comparação àquelas (Caridade; Machado, 2006; Diniz; Alves, 2015).

A fase da adolescência é marcada por um período de diversas mudanças, sendo comum a presença de questões relacionadas às transformações corporais e de aparência, influenciando na autoestima do jovem (Diniz; Alves, 2015). Ainda, as regras sociais associadas às questões de gênero demarcam uma influência no jovem, uma vez que esse momento também é associado a construção de identidade e é onde o adolescente busca afirmar seu “lugar no mundo” (Diniz; Alves, 2015; Murta *et al.*, 2011). Isso significa que, até o momento do ato de violência no namoro acontecer, o indivíduo estabeleceu relações com o ambiente em que aprendeu regras e comportamentos associados à cultura patriarcal vigente (Freitas; Morais, 2019; Saffioti, 2004).

Oliveira (2009) realizou um estudo com 283 estudantes escolares e profissionais de Porto, com o objetivo de analisar a intergeracionalidade da violência, que pode ter preditores familiares antes de estender-se à violência que ocorre no namoro. Dentre os resultados, a autora evidenciou que a maior frequência de perpetração da violência veio de indivíduos que já haviam experienciado violência em relações de namoro anteriores.

Além disso, a maioria dos participantes sinalizaram, em suas relações familiares, tipologias de violência que incluíam agressão física, abuso psicológico, coerção e controle sobre

o outro. A autora conclui que há uma relação significativa entre a existência de comportamentos violentos no contexto familiar de um jovem e a prática de violência por este.

Outro estudo, realizado por Oliveira (2021) buscou analisar a presença de violência no namoro e a influência de práticas familiares e sociais para a perpetração dessa violência. Para isso, participaram 146 estudantes, sendo 80 do sexo masculino e 60 do sexo feminino. A autora evidenciou, a partir dos resultados, que atualmente parece haver uma conscientização sobre o que é a violência no namoro e quais comportamentos são considerados certos ou errados dentro de uma relação amorosa. Além disso, os resultados demonstraram que comportamentos como insultar, humilhar, controlar e difamar foram mais evidenciados quanto à exposição da violência dentro do seio familiar, podendo contribuir para a legitimação da violência por alguns jovens.

Diante do exposto, é possível considerar a influência não apenas da intergeracionalidade de comportamentos, mas da cultura e das regras sociais reforçadas dentro desta para a perpetração da violência no namoro. A exemplo disso, tem-se o caso Eloá, ocorrido em 2008 e amplamente divulgado pelas plataformas de notícias, que mostrou o autor da agressão, Lindemberg Alves, inconformado com o fim do relacionamento com a adolescente de 15 anos, mantendo a ex-namorada em cativeiro por quatro dias antes de cometer homicídio contra ela. No documentário “Quem matou Eloá?” discute-se o caso sob a perspectiva da violência de gênero e de como a participação social influenciou no seu desfecho, uma vez que a repercussão do caso foi tratada em jornais, programas televisivos, revistas e redes sociais, sendo caracterizado, na época, como um “crime de amor”. (Quem matou [...], 2015).

Segundo Baum (2006, p. 185), “nossos problemas sociais são problemas comportamentais. Todos eles têm a ver com fazer as pessoas se comportarem melhor”. Compreender a violência no namoro a partir da ótica analítico-comportamental é oferecer, também, uma possibilidade de ampliar as alternativas de prevenção e proteção de jovens cuja realidade encontra-se permeada por esse fenômeno, assim como quebrar o ciclo da intergeracionalidade da violência.

Considerando o foco desse estudo que é a interface entre habilidades sociais e violência no namoro na perspectiva analítico-comportamental. Considera-se importante apontar para o leitor alguns conceitos chave do campo das Habilidades Sociais (HS) e a explanação dessa temática na fase da adolescência e, somando-se a isso, como a violência tem sido debatida nesse campo-teórico.

2 A RELAÇÃO ENTRE HABILIDADES SOCIAIS E VIOLÊNCIA NO NAMORO

O presente capítulo será dividido em dois momentos. No primeiro, serão apresentados conceitos centrais da área que se relacionam com a temática proposta para este estudo. Em um segundo momento, serão discutidos estudos já existentes que abordaram o tema e seus respectivos resultados com fins de permitir a discussão *a posteriori*.

2.1 Habilidades Sociais na adolescência

A Organização Mundial da Saúde (2018) define a adolescência como um período compreendido entre a infância e a fase adulta, dos 10 aos 19 anos de idade, sendo importante para o desenvolvimento e estabelecendo as bases para uma boa saúde física e psicológica. Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), ela está concebida entre 12 e 18 anos (Brasil, 2019).

O olhar da Psicologia, em sua história, voltou-se para o período da adolescência com mais ênfase a partir do século XX (Senna; Dessen, 2012). Sendo considerada um momento da vida de mudanças físicas, comportamentais e sociais, é definida pela acentuada maturação física e biológica do corpo dos meninos e meninas (Ferreira; Aznar-Farias; Silveiras, 2010). Dentre as transformações físicas, tem-se, como marco situacional, o início da puberdade, resultado de uma série de alterações hormonais. A puberdade se constitui como um processo que estabelece a transição da infância para o início da adolescência, levando à maturidade sexual ou fertilidade (Papalia; Feldman, 2013). É nesse momento que ocorre o surgimento de pelos no corpo do adolescente, bem como alteração de voz, crescimento dos seios e a menstruação. Diante dessas mudanças, é possível que o jovem tenha um estranhamento em relação ao próprio corpo (Murta *et al.*, 2011; Papalia; Feldman, 2013).

Ainda, Papalia e Feldman (2013) consideram outros aspectos ao colocar os impactos psicológicos desse processo para o adolescente, tais como: se os efeitos dessa maturação ocorrem de forma que os adolescentes se tornem muito mais ou muito menos desenvolvidos que seus pares; quando não veem as mudanças como vantajosas; e quando eventos estressantes, como a transição para o ensino secundário, ocorrem concomitantemente a esse processo. É importante salientar a influência de outras variáveis nessa fase do desenvolvimento, como etnia, cultura, nível socioeconômico e contexto social (Papalia; Feldman, 2013; Senna; Dessen, 2012). Tais mudanças podem afetar a forma como pensam, sentem e tomam decisões, além da sua autoimagem e a forma como se relacionam socialmente (OMS, 2020).

É nessa fase que acontecem os primeiros relacionamentos afetivos/sexuais do indivíduo, possibilitando que o(a) jovem aprenda novos repertórios comportamentais e compreenda sua

sexualidade (Brêtas *et al.*, 2011). É a partir da oportunidade dessas interações sociais que o adolescente pode aprender a exercitar o respeito, cooperação e comunicação com o outro, que compõem um conjunto de comportamentos que devem ser ensinados para manter a qualidade da relação (Banaco; Nico; Kovac, 2013; Elias; Britto, 2007).

Na cartilha “Diferenciando baladas de ciladas: um guia para o empoderamento de adolescentes em relacionamento íntimos”, Murta *et al.* (2011) ressaltam a importância de saber se comunicar na formação de novas relações e na manutenção daquelas já estabelecidas. Ainda, destaca-se o papel da assertividade nesse processo, se constituindo como um possível caminho para o empoderamento, já que “é uma forma mais aberta, direta, objetiva e sincera de se relacionar. É quando a pessoa expressa o que realmente sente e pensa, mas ao mesmo tempo respeita o que as demais pensam e sentem” (Murta *et al.*, 2011, p. 64).

Há uma preocupação geral com os problemas associados a qualidade das relações sociais, já que é um fator que envolve e influencia temas como violência, preconceito e intolerância (Del Prette; Del Prette, 2013). O campo teórico- prático das HS tem apresentado estudos que demonstram que pessoas com bom repertório de HS e socialmente competentes apresentam, com frequência, relações interpessoais mais satisfatórias e duradouras. Por outro lado, déficits nas HS estão associados a dificuldades e conflitos nessas relações (Del Prette; Del Prette, 2001; Del Prette; Del Prette, 2010).

As HS aplicam-se às diferentes classes de comportamentos sociais do repertório de um indivíduo que contribuem para a competência social deste, sendo saudáveis e produtivos com as pessoas do mesmo contexto social (Del Prette; Del Prette, 2001). Em termos comportamentais, as HS se constituem enquanto uma classe geral de comportamentos que possuem alta probabilidade de produzir consequências reforçadoras para o indivíduo e para as demais pessoas do grupo social (Del Prette; Del Prette, 2010).

Del Prette e Del Prette (2017) afirmam que a definição de HS trata de três características interdependentes, sendo um construto descritivo dos comportamentos sociais valorizados pela cultura; que tem alta probabilidade de resultados que sejam favoráveis para o indivíduo e seu grupo social; e que pode contribuir para um desempenho social competente. Tal definição serve, também, para facilitar a identificação dos comportamentos que constituem o leque das HS, além de diferenciá-los entre passivos e ativos, desejáveis e indesejáveis, associados a quadros psicológicos e problemas internalizantes ou externalizantes (Del Prette; Del Prette, 2017).

Ainda, as HS podem ser classificadas em classes e subclasses que auxiliam no reconhecimento de possíveis déficits e recursos do indivíduo que se depara com uma demanda que envolve interações interpessoais, sendo as 10 principais classes: (1) de comunicação; (2)

civilidade; (3) fazer e manter amizade; (4) empatia; (5) assertividade; (6) expressar solidariedade; (7) manejo de conflitos e resolução de problemas interpessoais; (8) expressão de afeto e intimidade; (9) coordenar grupo; (10) falar em público (Del Prette; Del Prette, 2017). Vale ressaltar que, dada a complexidade das interações interpessoais, também existem divisões em subclasses. Destaca-se como uma das subclasses mais importante a assertividade, que:

[...] é uma classe de habilidades sociais de enfrentamento em situações que envolvem risco de reação indesejável do interlocutor, com controle da ansiedade e expressão apropriada de sentimentos, desejos e opiniões. Ela implica tanto na superação da passividade quanto no autocontrole da agressividade e de outras reações não-habilidosas [...] (Del Prette; Del Prette, 2013, p. 175).

Marchezini-Cunha e Tourinho (2010) postulam que a assertividade pode envolver a produção de consequências reforçadoras não somente para o indivíduo que se comporta assertivamente, mas também para o grupo ou pessoa com o qual interage. Del Prette e Del Prette (2007), baseados em Alberti e Emmons (1989), tratam a assertividade dentro da noção de estilos de comportamento, referindo-se ao padrão comportamental que predomina as relações sociais de um indivíduo. Os autores afirmam que a classificação dos comportamentos interpessoais pode ser feita em três estilos: passivo, agressivo e assertivo. O estilo passivo, também conhecido como inassertivo, caracteriza-se principalmente pela dificuldade na expressão de sentimentos e opiniões. Pessoas que apresentam esse estilo deixam de expressar, com frequência, sentimentos como raiva, indignação ou discordância e, quando se expressam, seus sentimentos e direitos são ignorados devido à “maneira apagada, seguida de muitas justificativas” que o fazem (Del Prette; Del Prette, 2007, p. 160). Já o estilo agressivo caracteriza-se pela baixa capacidade de autocontrole do comportamento, resultando em respostas coercitivas e intransigentes do indivíduo. Envolve “autovalorização excessiva e busca de resultados imediatos, geralmente às custas da desvalorização e violação dos direitos do outro” (Del Prette; Del Prette, 2007, p. 162). Esse estilo pode se manifestar por meio de combinações de comportamentos agressivos, destacando-se, aqui, a distinção entre o comportamento agressivo direto e o indireto. Segundo Del Prette e Del Prette (2007, p. 162):

Na agressão direta, os componentes verbais desse estilo se caracterizam por: fluência da fala e volume de voz mais alto do que o necessário, podendo, em caso de conflito, descambar para gritos com conteúdos ameaçadores, contato visual intenso do tipo intimidatório [...]. A agressão indireta é caracterizada por um conjunto de comportamentos do tipo manipulativo, como o uso de chantagem emocional para atingir os objetivos almejados; a ironia; o desprezo; a indiferença.

Quanto à agressão indireta, Caballo (2003) contribui para a sua denominação ao sinalizar a existência da agressão passiva, também chamado de passivo-agressivo. Em geral, indivíduos que se comportam dessa forma podem vir a atingir seus objetivos, tendo acesso a consequências

reforçadoras imediatas. Mas, a médio e longo prazo, podem ocorrer prejuízos na qualidade das relações sociais, tornando-as mais frágeis e propiciando o afastamento do indivíduo do seu grupo social (Caballo, 2003; Del Prette; Del Prette, 2007).

Por último, o estilo assertivo é caracterizado pela defesa dos próprios direitos pelo indivíduo, que expressa pensamentos, sentimentos e opiniões de forma direta e apropriada, sem violar o direito de outras pessoas e preservando sua dignidade e a dos demais. Sobre isso, conceitua-se assertividade como um conjunto de habilidades de enfrentamento em situações nas quais há um risco de reação indesejável do interlocutor,mas onde há, também, controle de ansiedade e expressão apropriada de sentimentos e opiniões (Del Prette; Del Prette, 2013).

Levando em consideração os três estilos de comportamentos supracitados,ressalta-se a importância que essa classe de HS possui nas interações do indivíduo com outras pessoas, tendo seu déficit associado a dificuldades e conflitos nas relações sociaisdo indivíduo, seja no âmbito familiar, entre amigos ou nos relacionamentos afetivos (DelPrette; Del Prette, 2010; Del Prette; Del Prette, 2001).

Terroso *et al.* (2016) investigaram a associação entre *bullying* e o repertório de Habilidades Sociais tanto nos autores dessa prática, como nas vítimas. Participaram do estudo 437 adolescentes de escolas públicas e privadas, com idade entre 12 e 18 anos, sendo 55,6% da amostra composta por meninas e 44,4% por meninos. Os resultados demonstraram que os adolescentes autores do *bullying* apresentaram menor frequência nos comportamentos relacionados às habilidades sociais de autocontrole e civilidade, além de apresentarem maior dificuldade em exercer condutas relativas à empatia e desenvoltura social. Por outro lado, os adolescentes que são vítimas dessa prática apresentaram menor frequência na emissão de respostas da classe de comportamentos assertivos e maior dificuldade de expressarem as classes de empatia, autocontrole,civilidade e abordagem afetiva. Os pesquisadores do estudo concluíram que os autores do*bullying* apresentaram maior limitação no repertório de Habilidades Sociais e maior dificuldade de responder adequadamente nos contextos sociais, enquanto os adolescentes que demonstraram maior dificuldade em responder assertivamente às situações possuem maior probabilidade de serem vítimas de *bullying*.

Quanto à prevalência de comportamentos agressivos em jovens, Gomide (2000)realizou dois experimentos com o objetivo de avaliar a influência de filmes violentos no comportamento de crianças e adolescentes. O primeiro experimento foi feito com 160 adolescentes com idade entre 14 e 16 anos, sendo 80 do sexo masculino e 80 do feminino,utilizando grupo controle, e comparou três tipos de filmes: violento com herói; documentário sobre violência de um grupo de adolescentes; e filme cooperativo. Foi utilizado como medida de agressividade as respostas

agressivas emitidas em uma partida de jogo de futebol. Os participantes do grupo controle foram diretamente para o jogo de futebol, sem passarem pelo procedimento de assistir a qualquer filme. Já o segundo experimento foi realizado com 160 crianças de idade variando entre nove e 11 anos, também divididas em 80 meninos e 80 meninas, utilizando o participante como seu próprio controle, e comparou a taxa de resposta agressiva antes e depois de assistirem a filmes violentos e não violentos. Ainda, foi estabelecida como medida de agressividade as respostas agressivas emitidas em um jogo de futebol. A autora discorre que os resultados dos dois experimentos mostraram que os meninos apresentaram taxas de agressividade maiores do que as meninas, podendo indicar que homens podem imitar mais respostas agressivas que as mulheres. Isso pode ocorrer devido à influência de regrassoais diferentes para meninos e meninas, uma vez que as meninas aprendem que respostas agressivas são indesejáveis e os meninos convivem mais com respostas, tal como a de lutar, que fornecem um modelo agressivo de resolução de problemas.

Os achados da literatura permitem compreender em que estágio de debate encontram-se os temas propostos no presente estudo. Além de auxiliar na identificação de lacunas teóricas e metodológicas. Assim, o segundo momento deste tópico é reservadopara apresentar alguns estudos em nível nacional e internacional, facilitando a interlocução e discussão dos dados após a coleta.

2.2 Estudos acerca da relação entre habilidades sociais e violência no namoro

Segundo Diniz e Alves (2015), as diferenças de gênero marcadas socialmente constituem um aprendizado que ocorre ao longo da história de vida de cada indivíduo, sendo a adolescência um momento singular desse processo. De acordo com as autoras,

A adolescência é marcada, paradoxalmente, pela presença de uma adesão rígida aos papéis de gênero. É possível que a ansiedade e angústia geradas pelapresença de dilemas identitários encontre alento temporário na escolha de padrões normativos estereotipados, aceitos e validados pela sociedade em geral. Cobranças por parte da família, associadas à necessidade de aceitação e pertencimento a um grupo social, podem também levar a uma busca pela imagem do homem ou da mulher ideal, culturalmente construída e reiterada nas propagandas e artigos de revistas, na TV, nos vídeo-clipes, enfim, no amplo manancial simbólico que de modo geral reafirma os papéis, valores e as expectativas associadas a modelos identitários e relacionais hegemônicos(Diniz; Alves, 2015, p. 22).

Cabe ressaltar que as características de um indivíduo em uma relação não são uma representação estática, inerente a ele. Isso implica que padrões permanentes ou imutáveis para cada pessoa não existem, e sim que, em algum momento da história de vida de cada um, certas respostas foram selecionadas em detrimento de outras. Isto posto,também significa que não necessariamente uma pessoa terá um padrão único para todas as situações.

O repertório de HS de uma pessoa é adquirido por meio das vivências de uma pessoa desde seu nascimento até o momento presente de sua vida, uma vez que “elas contém elementos que presenciamos em nossas famílias de origem, do que lemos nos livros, vimos nos cinemas e nos teatros; do que ensinaram nas igrejas, escolas ou em quaisquer outros contextos” (Otero; Guerrilhas, 2007, p. 76). É possível verificar que parte dos homens que apresentam respostas agressivas na relação com suas companheiras fazem uso dessas diversas regras aprendidas socialmente. Justificam através de uma validação da sua masculinidade, externalização da culpa por meio da culpabilização a outra pessoa ou estímulo, como a própria mulher ou o uso de alguma substância psicoativa, além do “ciúme” (Sinclair, 1985).

Do mesmo modo, parte das mulheres que apresentam respostas passivas na relação com seus companheiros estão sob influência de regras aprendidas ao longo da história de vida de cada uma que foram socialmente transmitidas, tais como “mulher não pode falar muito, homem não gosta de mulher que reclama” ou “a mulher tem mesmo que ser submissa” (Otero; Guerrilhas, 2007).

Em casais, certas HS importam para uma boa convivência e satisfação no relacionamento (Elias; Britto, 2007). Quando a comunicação é assertiva, é possível observar, com mais facilidade, a prática de componentes que definem um relacionamento amoroso, como respeito, admiração e cumplicidade. No entanto, Otero e Guerrilhas (2007, p. 76) apontam casos em que a falta de assertividade se mostra um problema, como:

Ela contava que sempre havia visto sua mãe sofrer calada com as palavras duras ditas por seu pai: “Mulher não pode falar muito, homem não gosta de mulher que reclama, a mulher tem mesmo que ser submissa” [...]. Este jeito aprendido de ser (moldado pela sua história pessoal) gerou suas “regras de vida” que faziam parte da relação dela com o marido: “Falar o que sinto da briga entre a gente; ele fica mais bravo ainda; ele fica muito nervoso; não possodeixá-lo mais nervoso do que ele já é”. Ela não falava para ele o quanto sofria com as atitudes dele. [...] Não tinha aprendido a assertividade verbal tão essencial para a comunicação entre um casal.

Quando se trata de relacionamentos afetivos, há mais envolvido do que somente a junção de duas pessoas que precisam satisfazer suas necessidades pessoais, uma vez que características como confiança, tolerância, cooperação, capacidade para tomar decisões conjuntas e comunicação eficaz também compõem o conjunto de comportamentos que o casal deve emitir para manter a qualidade da relação (Banaco; Nico; Kovac, 2013; Elias; Britto, 2007). No entanto, muitos dos problemas vividos por um casal se desencadeiam por conta de dificuldades na comunicação entre eles, interferindo em sua qualidade. Quando a comunicação é assertiva, há maior facilidade em praticar as características que envolvem o relacionamento afetivo (Elias; Britto, 2007).

Teixeira *et al.* (2015) avaliaram a assertividade, passividade e agressividade em

situações no namoro com 20 universitárias a partir de 18 anos de idade e que estavam em uma relação heterossexual há pelo menos seis meses. Os resultados mostraram maior prevalência do comportamento assertivo, em que 71,75% das participantes apresentaram respostas assertivas, 16,5% respostas passivas e 11,75% agressivas. Dentre as situações mais frequentes de passividade, 60% responderam o momento em que recebem um presente do parceiro que as desagradam, seguido de 45% para dívida financeira pendente do parceiro. Quanto à frequência de agressividade, 40% alegaram situações em que o parceiro deveria ser elogiado, junto com 40% para ofensas do parceiro durante discussões. As autoras concluíram que a amostra trabalhada foi de mulheres que podem ser consideradas com bom repertório de habilidades sociais assertivas, porém ressaltaram como limitação a possibilidade das respostas terem ficado sob controle do que é mais esperado socialmente das pessoas dentro de uma relação amorosa. Ainda, destacam a importância da elaboração de programas de habilidades sociais que envolvam uma população mais jovem, uma vez que a violência no namoro pode ocorrer desde a adolescência.

Sobre isso, Foshee *et al.* (2014) realizaram um estudo com 1154 adolescentes com idades entre 11 e 14 anos para verificar se a prática de bullying em estudantes com idade escolar de 11 e 12 anos poderia ser preditor para a perpetração de violência no namoro em adolescentes com idade escolar de 13 e 14 anos. Os resultados demonstraram bullying direto – que envolve implicar ou agredir outro estudante – previu a presença de violência física no namoro, sendo essa prática mais recorrente contra meninas do que contra meninos. Ainda, os autores verificaram que os índices de violência no namoro eram menores em adolescentes brancos e maiores em adolescentes negros, podendo indicar uma possível relação entre a raça/etnia e esse tipo de violência. Concluiu-se que os jovens que intimidam diretamente os outros possuíam maior probabilidade de perpetrar violência física no namoro.

Outro possível preditor de violência entre jovens é a presença de regras relacionadas a comportamentos de gênero e masculinidade. Miller *et al.* (2019) realizaram um estudo com 866 adolescentes do sexo masculino, com idade entre 13 e 19 anos, como objetivo de avaliar a relação entre comportamentos atribuídos ao gênero e à perpetração de violência em suas diferentes formas – no namoro, *bullying* e homofobia. Os resultados apontaram para uma correlação positiva entre a perpetração de violência e presença de regras sobre masculinidade, indicando que jovens que possuíam mais comportamentos relacionados a regras sociais sobre masculinidade possuíam maior frequência de perpetração de violência em vários domínios, incluindo violência no namoro e assédio sexual. Do mesmo modo, jovens com atitudes de gênero mais igualitárias possuíam menores chances de perpetrar violência em relações

interpessoais.

Bonache, Gonzalez-Mendez e Krahé (2017) pesquisaram sobre o fenômeno da violência no namoro em 1298 adolescentes, sendo 49% do sexo feminino e 51% do sexomascuino. O objetivo do estudo era investigar o estilo de comportamento na relação, habilidades de resolução de conflitos e a percepção dos participantes sobre a presença de violência física ou psicológica no namoro. Nos resultados, foi identificado que um estilopassivo, ansioso ou evitativo era mais frequente nas vítimas da violência no namoro, sendo observado também a presença de uma resolução de conflitos mais destrutiva nos relacionamentos que possuíam a presença de violência no namoro. Os autores concluíramque o estilo de comportamento e o repertório de habilidades de resolução de problemas podem ser fatores preditores de violência no namoro perpetrada tanto por meninos, comomeninas.

Spencer *et al.* (2019) realizaram uma meta-análise com o objetivo de analisar osfatores de risco relacionados à perpetração de violência física no namoro em adolescentesentre 13 e 19 anos. Foram selecionados 37 estudos dos Estados Unidos com 26 impactosdos fatores de risco para violência física no namoro. Os fatores de risco foram classificados dentro dos níveis de exosistema, macrosistema, microsistema e ontogenético. No caso do exosistema e macrosistema, não foram encontrados fatores de risco que apresentassem impactos para perpetração da violência no namoro. A nível de microsistema, 14 fatores de risco foram analisados, tais como: histórico familiar de abuso infantil; comportamento controlador; perpetração de violência psicológica no namoro; histórico de violência física no namoro. Ainda, no nível ontogenético, foram considerados 12 fatores de risco, por exemplo: performance acadêmica; idade; concordância com a violência; repertório de habilidade de resolução de conflitos; entre outros. Os autores evidenciaram que os fatores de risco que possuíam maior impacto parapetpertração de violência no namoro em adolescentes estavam relacionados com o nível de microsistema e envolviam o próprio relacionamento em si, como: vitimização de violência física ou emocional no namoro; histórico de perpetração de violência em relacionamentos anteriores; e perpetração de violência psicológica no namoro. Ao examinarem o nível ontogenético, os autores destacaram dois fatores significativos: aprovação da violência e repertório deficitário de habilidades de resolução de conflitos. Também foram encontradas diferenças quanto ao gênero, no qual comportamentoscontroladores enquanto fator de risco foram mais prevalentes em homens do que em mulheres. Os autores concluíram que programas de intervenção para violência no namoro em adolescentes devem incluir treinamento de habilidades de vida como fatores de proteção, tais como habilidades sociais de resolução de conflitos.

Foshee *et al.* (1998) conduziram um estudo com aproximadamente 1800 estudantes americanos, do oitavo e nono ano, em 14 escolas diferentes, com o objetivo de avaliar os efeitos de um programa de prevenção à violência no namoro em adolescentes. A intervenção foi realizada por escola, sendo sete delas grupo controle e sete grupo de intervenção, e dividida em 10 sessões que seguiram um modelo de intervenção baseado em três principais fatores: regras sociais sobre violência no namoro; regras sociais sobre gênero; e habilidades de resolução de conflitos. Durante o processo, foram avaliados, tanto na perpetração como na vitimização, quatro aspectos: violência psicológica; violência não-sexual; violência sexual; e a presença de violência no relacionamento atual do sujeito. Os resultados apontaram que as escolas que receberam o programa de intervenção apresentaram, após o follow-up, 25% menos perpetração de violência psicológica, 60% menos perpetração de violência sexual e 60% menos violência perpetrada contra o atual parceiro de namoro, em relação às escolas-controle. Como limitações do estudo, os autores ressaltaram a possibilidade dos adolescentes relatarem respostas socialmente aceitas. No entanto, concluíram que intervenções focadas nos tipos de violência e estudos específicos com adolescentes se mostram eficazes e necessários, uma vez que a violência nas relações é um problema de saúde pública que geralmente tem início ainda na fase da adolescência.

Fernet, Hebert e Paradis (2016) avaliaram padrões comportamentais de resolução de conflitos e perpetração de violência no namoro em adolescentes, sendo a amostra composta por 39 casais heterossexuais com idade média de 17 anos. O estudo foi dividido em duas partes: na primeira, foram avaliadas as estratégias de resolução de conflitos entre os parceiros; na segunda etapa, os autores investigaram, de forma individual em cada casal, padrões de comportamento que apontassem diferenças dos jovens que perpetram violência no namoro e daqueles que não o fazem. Na primeira etapa, os resultados demonstraram três tipos principais de estratégias de resolução de conflitos: negociação de expectativas e necessidades individuais; esquiva de conflitos ou da sua resolução; e imposição de necessidades e regras pessoais por meio do uso de violência. Já na segunda etapa, os autores deram ênfase aos casais com padrões conflituosos, no qual os resultados indicaram que casais que apresentam violência na relação tendem a experimentar mais conflitos em situações de desacordo e experimentam mais sentimentos negativos, como medo de perder o parceiro e desconfiança. Além disso, casais com padrões conflituosos também apresentaram uma tendência para se afastar do conflito e menor demonstração de afeto positivo. Ao comparar os resultados, os autores concluíram que, quanto mais o casal apresenta flexibilidade para acordos e habilidades de comunicação, como abertura para diálogo e esclarecimentos, maiores são as chances deles se adaptarem e enfrentarem o

conflito de forma resolutiva e sem uso de violência.

Uma meta-análise realizada por De La Rue *et al.* (2016) analisou programas escolares de intervenção e prevenção à violência no namoro em adolescentes, inclusive os efeitos relacionados ao nível de conhecimento sobre o fenômeno da violência no namoro, às mudanças de atitude ou crenças que contribuem para a violência e, também, na redução dos incidentes de vitimização e perpetração de violência no namoro entre adolescentes do ensino fundamental e médio. Para este estudo, foram incluídos apenas pesquisas experimentais e quase-experimentais que continham dois grupos, sendo um grupo-controle, nos quais as amostras envolviam adolescentes entre as idades de 11 e 18 anos. Foram selecionados 23 estudos no total, sendo que 13 avaliaram o nível de conhecimento sobre o fenômeno da violência no namoro, 10 mensuraram os comportamentos de violência no namoro, quatro consideraram regras sobre aceitação de violência sexual, cinco avaliaram a perpetração e oito a vitimização da violência. Além disso, oito estudos também trouxeram dados sobre estratégias de resolução de conflitos. Dentre os resultados, os autores evidenciaram que alunos que fizeram parte de um programa de intervenção de violência no namoro mostraram moderado aumento no conhecimento sobre o fenômeno, além de menor adesão a mitos relacionados ao abuso sexual e apresentaram ampliação no repertório de habilidades de resolução de conflitos nas relações interpessoais.

Estudos sobre violência no namoro em adolescentes têm, cada vez mais, considerado variáveis como o tipo de violência, regras sociais de gênero e habilidades sociais relacionadas ao processo de resolução de conflitos (Bonache; Gonzalez- Mendez; Krahé, 2017; De La Rue *et al.*, 2016; Fernet; Hebert; Paradis, 2016; Foshee *et al.*, 1998; Spencer *et al.*, 2019). Conforme sugerem Del Prette *et al.*(2014), um bom repertório de habilidades sociais pode ser um fator de proteção para o fenômeno da violência no namoro.

Assim, esta investigação foca na temática da violência no namoro, apoiando-se na análise sócio-histórica e nas bases conceituais da filosofia behaviorista radical skinneriana para compreender o surgimento e manutenção do fenômeno na sociedade. As investigações empíricas da Análise do Comportamento e do campo teórico-prático das Habilidades Sociais permitem pensar em propostas de mudanças de práticas culturais que podem interferir na melhora da qualidade das relações entre casais, uma vez que a constante utilização de estratégias não efetivas para resolução de conflitos podem gerar sofrimento e a perpetuação de violência em algum nível, seja ela física, psicológica ou sexual.

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

Analisar a relação entre violência no namoro, regras sobre masculinidade e o repertório de Habilidades Sociais em adolescentes.

3.2Específicos

Os objetivos específicos são:

- a) identificar índice de Violência no Namoro;
- b) verificar a influência de regras sociais acerca da masculinidade;
- c) caracterizar o repertório de Habilidades Sociais;
- d) comparar violência no namoro, regras sobre masculinidade e o repertório de Habilidades Sociais entre os grupos de sexo (masculino e feminino) e tipo de rede de ensino (público ou privado).

4 MÉTODO

4.1 Delineamento

O estudo se caracteriza como descritivo, comparativo e correlacional. Descritivo, pois buscou levantar informações e descrever fenômenos; comparativo por estabelecer paralelos entre as variáveis, indicando possíveis semelhanças e diferenças; e correlacional, uma vez que busca verificar a relação entre três variáveis. Esse tipo de estudo proporciona não somente identificar se há influência de uma variável sobre outra caso sejam correlacionadas, mas também permite o embasamento de previsões sobre o fenômeno estudado (Hair *et al.*, 2009; Shaughnessy; Zechmeister; Zechmeister, 2012).

4.2 Aspectos Éticos

O presente estudo seguiu as normas da resolução 466/2012 da Comissão Nacional de Saúde (CNS), que determina o registro de protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos na Plataforma Brasil, e foi submetido para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão (CEP-UFMA) com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) sob o protocolo 57650122.5.0000.5086. Considerando os critérios relativos à pesquisa com seres humanos, todos os participantes obtiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), assinado pelos responsáveis, e ao Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE), assinado pelos adolescentes participantes. Por meio do TCLE e do TALE, foram fornecidas informações sobre justificativa, objetivos, procedimentos, riscos e benefícios do estudo antes de iniciarem sua participação na pesquisa, sendo os instrumentos aplicados após assinatura e concordância em ambos os documentos.

4.3 Amostra

A amostragem foi realizada por conveniência². Como critérios de inclusão, foram considerados jovens com idade entre 14 e 17 anos e que estavam envolvidos em um relacionamento afetivo/sexual. A faixa etária foi estabelecida considerando os critérios da indicada para aplicação dos testes selecionados neste estudo. Como critério de exclusão, foram desconsiderados os adolescentes cujos pais não certificaram sua autorização e aqueles que possuíam algum diagnóstico psiquiátrico ou déficit cognitivo, comprovado por laudo médico, que inviabilizasse a aplicação da pesquisa.

² Segundo Shaughnessy, Zechmeister e Zechmeister (2012, p. 152), “envolve selecionar os respondentes principalmente com base em sua disponibilidade e disposição para responder”.

Participaram 46 adolescentes de ambos os sexos, cuja caracterização é demonstrada no Tabela 1.

Tabela 1 –Dados sociodemográficos dos jovens participantes

	Variável	Frequência	
		Absoluta	Relativa
Sexo	Masculino	20	43,48
	Feminino	26	56,52
Escolaridade	Ensino Fundamental – Anos Finais	13	28,26
	Ensino Médio	33	71,74
Tipo de instituição de ensino	Pública	22	47,83
	Privada	24	52,17
Renda familiar	Até 01 salário mínimo	9	19,56
	De 01 a 03 salários	10	21,73
	De 03 a 06 salários	4	8,69
	De 06 a 09 salários	6	13,04
	De 09 a 12 salários	7	15,21
	Mais de 12 salários	10	21,73
Tipo de relacionamento	Heterossexual	45	97,82
	Homossexual	01	2,17
Tempo de relacionamento	Menos de 06 meses	22	47,82
	De 06 meses a 01 ano	13	28,26
	De 01 a 02 anos	9	19,56
	Mais de 02 anos	2	4,34

Fonte: Elaborada pela autora.

4.4 Local

A pesquisa foi divulgada por meio de redes sociais na *internet* e, também, em duas escolas públicas e uma escola privada da cidade de São Luís - MA. A coleta de dados se deu no formato presencial e *online*, sendo primeiro nas dependências de cada instituição de ensino colaboradora, onde foi fornecida uma sala para coleta de dados.

4.5 Materiais e Instrumentos

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: documento que possibilita, ao responsável do participante, um amplo esclarecimento sobre a pesquisa: objetivos, procedimentos, possíveis riscos e benefícios. Além de ratificar o direito da participação voluntária, assim como da sua desistência a qualquer momento (Apêndice A).

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido: documento que possibilita ao participante um amplo esclarecimento sobre a pesquisa: objetivos, procedimentos, possíveis riscos e benefícios. Além de ratificar o direito da participação voluntária, assim como da sua desistência a qualquer momento (Apêndice B).

Questionário sociodemográfico: com a finalidade de caracterizar a amostra, o instrumento busca coletar informações como idade, sexo, escolaridade, renda familiar, tipo de relacionamento – hetero ou homossexual – e tempo em que está na relação (Apêndice C).

Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI): versão portuguesa traduzida e adaptada por Saavedra (2010) do Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI) de Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, Wekerle, Grasley e Straatman (2001). Trata-se de um instrumento de autorrelato constituído de 35 itens que possibilitam avaliar estratégias de resolução de conflitos nas relações de namoro entre adolescentes, distinguindo-as em resoluções positivas e abusivas, além de fazer a distinção entre o comportamento da própria pessoa e do(a) parceiro(a).

O CADRI pode ser aplicado em jovens com idade igual ou superior a 14 anos de idade e que namorem ou tenham tido um relacionamento de namoro no último ano. A sua aplicação pode ser feita individualmente ou em grupo e apresenta duração média de 30 minutos. Os itens são divididos em quatro fatores, sendo eles: 1) estratégias de resolução de conflitos abusivas do comportamento do próprio; 2) estratégias de resolução de conflitos não abusivas/positivas do comportamento do próprio; 3) estratégias de resolução de conflitos abusivas do comportamento do outro; 4) estratégias de resolução de conflitos não abusivas/positivas do comportamento do outro. O participante deveria responder o instrumento se o comportamento especificado por cada item acontecia ou não na sua relação, por si ou pelo outro.

O instrumento possui 35 itens relativos aos comportamentos abusivos e 10 itens relacionados a comportamentos não abusivos/positivos. O escore era calculado a partir do somatório da ocorrência dos itens de cada fator, sendo posteriormente categorizados de acordo com a presença de pelo menos um ponto por item (indicando sua presença) e, quando o escore da soma dos itens for zero, sinaliza-se que a violência nunca ocorreu. O estudo de Saavedra (2011) conta com estudos de análise de itens, consistência interna – alpha de cronbach=0,82

para comportamento do próprio e 0,81 para comportamento do outro.

Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA): instrumento de autorrelato destinado à população adolescente de 12 a 17 anos de idade. O IHSA contém 38 itens e avalia o repertório de habilidades sociais a partir de dois indicadores: a frequência e a dificuldade com que reagem às diferentes demandas de interação social. Cada item representa um fator, sendo no total seis fatores avaliados: empatia, autocontrole, civilidade, assertividade, abordagem afetiva e desenvoltura social. O instrumento conta com estudos de análise de itens, consistência interna – α de cronbach=0,896 para escala total e de 0,820 a 0,615 para os seis fatores, todos com $p < 0,001$ – e outros estudos adicionais de validade e confiabilidade (Del Prette; Del Prette, 2009). A apuração é feita por meio do cálculo do escore geral e dos seis fatores. Para o presente estudo, será considerado o indicador de frequência de resposta no escore geral e nos seis fatores mencionados. Após a computação dos escores, a interpretação foi baseada na posição percentil comparativamente ao grupo de referência do mesmo sexo e faixa etária, de acordo com Del Prette e Del Prette (2009), e posteriormente classificada conforme ilustra o Quadro 1.

Quadro 1 – Descrição resumida da interpretação a ser efetuada a partir da posição percentil dos escores - total e subescalas - do respondente no IHSA

PERCENTIL	INTERPRETAÇÃO PARA FREQUÊNCIA
76-100	Repertório altamente elaborado de Habilidades Sociais com resultados acima da média para praticamente todos os itens e subescalas que aparecem. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesses itens.
66-75	Repertório elaborado de Habilidades Sociais com resultados acima da média para a maior parte dos itens e subescalas que aparecem. Indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios.
36-65	Bom repertório de Habilidades Sociais com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nesses itens e subescalas que aparecem.
26-35	Repertório médio inferior de Habilidades Sociais com resultados abaixo da média em grande parte dos itens. Indicativo para Treino de Habilidades Sociais, especialmente naquelas subescalas e itens mais críticos para o ajustamento pessoal.
01-25	Repertório abaixo da média inferior de Habilidades Sociais. Indicativo de necessidade de Treino de Habilidades Sociais, especialmente naquelas subescalas e itens mais críticos para o ajustamento pessoal.

Fonte: Del Prette e Del Prette (2009).

Escala de Significados da Masculinidade para Adolescentes: traduzido e adaptado por Murta *et al.* (2016), o instrumento avalia a presença de regras sociais relacionadas ao papel de gênero masculino. O instrumento foi inicialmente desenvolvido por Oransky e Fisher (2009) como uma forma de fomentar a análise de regras sociais presentes na cultura e o endosso das pessoas àquelas relacionadas aos tradicionais papéis de gênero masculino.

O instrumento original é constituído por 27 itens que se agrupam em quatro fatores, sendo eles: esforço constante, restrição emocional, heterossexismo e chacota social. No entanto, a análise paralela realizada no Brasil por Murta *et al.* (2016) indicou a extração de três fatores, corroborados por meio de análise fatorial exploratória: heterossexismo (alfa de Cronbach=0,83) com seis itens; esforço constante (alfa de Cronbach=0,68) com quatro itens; e restrição emocional (alfa de Cronbach=0,75) com cinco itens. O instrumento conta com 15 itens no total e foi respondido em uma escala *likert* que variou de “discordo totalmente” para “concordo totalmente” em cada item.

A apuração dos dados consistiu no somatório do escore geral e de cada fator, que foi realizado a partir da conversão das respostas em uma pontuação que variava de 0 a 4. Destaca-se, para fins de referência, que a soma dos escores que indica 100% ou total concordância com cada fator é de 24 pontos para heterossexismo, 16 para esforço constante e 20 para restrição emocional. Esses valores foram considerados para posterior análise das médias dos resultados.

Cada categoria representa uma classe de respostas: *heterossexismo* representa a definição de que a masculinidade é o oposto da feminilidade e da homossexualidade; para esforço constante, considera-se a ideia de que a *masculinidade* envolve uma postura contínua que demonstre força e confiança; por último, *restrição emocional* reflete a suposição social de que homens devem evitar compartilhar seus sentimentos com outras pessoas; (Murta *et al.*, 2016; Oransky; Fisher, 2009).

4.6 Procedimentos

4.6.1 Coleta de dados

Após autorização do CEP-UFMA, a pesquisadora redigiu e entregou uma carta (Apêndice D) de apresentação da pesquisa em três instituições, sendo uma escola de aplicação, uma da rede privada e uma da rede pública. Nela, foi descrita a pesquisa e seus objetivos, com o intuito de estabelecer um contato de mediação entre a pesquisadora, a coordenação da instituição de ensino e os responsáveis dos adolescentes. Assim, por intermédio das coordenadoras das escolas, foi enviado um termo de apresentação da pesquisa, bem como o TCLE, para leitura e assinatura dos responsáveis dos adolescentes participantes.

Após o contato para aceite e assinatura pelo responsável legal do participante noTCLE, a pesquisadora retornou às escolas para contato com os possíveis participantes para apresentá-los o TALE. Na ocasião, e foram fornecidas explicações gerais sobre a pesquisa e coletadas as assinaturas do TALE dos adolescentes que apresentaram concordância com os termos. Os que apresentavam concordância em participar da pesquisa eram conduzidos para uma sala com o objetivo de coleta de dados. Nela, os participantes foram separados nas cadeiras e mesas à uma distância em que não houvesse contato entre eles. Em seguida, os instrumentos foram apresentados e instruções foram fornecidas a respeito de como os instrumentos deveriam ser respondidos, disponibilizando-se para sanar qualquer possível dúvida. Após a coleta, a pesquisadora agradecia a participação dos adolescentes e os conduzia novamente para suas respectivassalas de aula.

Já a aplicação *online* ocorreu após divulgação da pesquisa em redes sociais. Na ocasião, era fornecido um *link* de contato com a pesquisadora. Quando um contato era feito, a pesquisadora identificava se o voluntário era um adolescente que correspondia aoscritérios de inclusão ou se era o responsável de um. No primeiro caso, foi solicitado o contato do responsável para apresentação remota do TCLE e, só após assinatura e concordância deste, era apresentado o TALE ao participante. Após assinatura virtual de ambos os documentos, era realizada uma chamada virtual com o adolescente para explicação e apresentação dos instrumentos, disponibilizando-se para sanar qualquer possível dúvida.

Na ocasião da aplicação, o participante respondia o questionário sociodemográfico, o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (Saavedra, 2010), o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (Del Prette; Del Prette, 2009) e, por último, a Escala de Significados da Masculinidade para Adolescentes (Murta *et al.*, 2016). A coleta virtual ocorreu com 5 adolescentes.

4.6.2 Análise de dados

Após a coleta, os dados obtidos foram digitalizados em uma planilha do programa *Microsoft Excel* e exportados para o programa JASP versão 0.17.2. Inicialmente, foram realizadas análises de estatísticas descritivas que permitiram a caracterização da amostra a partir dos dados fornecidos por meio do questionário sociodemográfico.

Em seguida, os instrumentos foram corrigidos de acordo com as especificações de análise e interpretação dos mesmos. Foram realizadas análises descritivas da média e frequência de resposta do escore total e de cada um dos fatores de cada instrumento.

Para realização das análises das estatísticas inferenciais, primeiro verificou-se a

normalidade dos dados por meio do teste de Shapiro-Wilk, no qual a distribuição não foi normal. Em seguida, foi realizada a análise de correlação de *Spearman* entre escores totais por fatores de Habilidades Sociais, nível de violência no namoro e nível de concordância com regras sociais de masculinidade, considerando a presença de correlações significativas ($p \leq 0,05$) – seja ela positiva ou negativa – e caracterizando-as como forte ($p \geq 0,50$), moderada ($p \geq 0,30$) ou fraca ($p \geq 0,10$). A existência de uma relação entre variáveis foi verificada pelos valores indicados através das análises de correlação, no qual a força é determinada por valores entre 0 e 1 e considerando que, quanto mais próximo de 1, mais forte será a relação entre variáveis (Morais, 2007; Pasquali, 2015).

Finalmente, foram realizadas as análises de comparação por meio do Teste T de Welch para verificar se existiam diferenças entre as variáveis violência no namoro, regras de masculinidade e Habilidades Sociais considerando o sexo e o tipo de rede de ensino do participante.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção do estudo dedica-se à apresentação e discussão dos dados. Para isso, a exposição das análises seguirá a ordem de apresentação dos objetivos específicos. O primeiro é o que foca na violência no namoro. A explanação teórica acerca desta temática aponta a preocupação não apenas dos cientistas sociais mas dos analistas do comportamento em compreender, prever e modificar este fenômeno. Assim, entende-se a violência no namoro como um fenômeno multifacetado, efeito de uma cultura patriarcal na qual regras sociais de gênero marcam as divisões de papéis masculino e feminino, que pode ser um preditor de violência conjugal. A perspectiva do behaviorismo skinneriano considera importante discorrer sobre questões sociais, tais como o fenômeno da violência em relacionamentos, uma vez que já se constitui como uma prática cultural de gênero na qual o comportamento de um indivíduo torna-se contexto para o comportamento de outro (Glenn, 1991; Sant'Anna, 2003; Skinner, 2003).

Os achados acerca do índice de violência no namoro da amostra podem ser observados na Tabela 2. Nela identifica-se as pontuações médias de cada fator do CADRI, divididas pelos grupos masculino e feminino.

Tabela 2 – Frequência média de ocorrência de comportamentos especificados pelo CADRI em grupos de sexo masculino e feminino.

FATOR		Média		Desvio Padrão	Score Mínimo	Score Máximo
		Absoluta	Relativa			
Masculino	Comportamentos do próprio Abusivos	5,0	14,28	4,35	0	13,0
	Comportamentos do próprio Não abusivos/Positivos	8,0	80,0	2,07	1,0	10,0
	Comportamentos do outro Abusivos	7,40	21,14	6,87	0	22,0
	Comportamentos do outro Não abusivos/Positivos	7,70	77,0	2,08	1,0	10,0
Feminino	Comportamentos do próprio Abusivos	5,61	16,02	6,30	0	24,0
	Comportamentos do próprio Não abusivos/Positivos	7,73	77,3	1,45	3,0	10,0
	Comportamentos do outro Abusivos	4,19	11,97	5,36	0	21,0

Comportamentos do outro	7,73	77,3	1,51	3,0	10,0
Não abusivos/positivos					

Fonte: elaborada pela autora (2023).

Cabe lembrar que o escore máximo para os fatores de *comportamentos abusivos* no CADRI era de 35,0. Enquanto o de *comportamentos não abusivos/positivos* era de 10,0. Isto posto, é possível afirmar, pelas médias de *comportamentos abusivos*, que o índice de violência no namoro foi baixo para ambos os grupos, tanto no contexto de autor, como de vítima. Pode-se afirmar que a caracterização da amostra é de indivíduos que emitem poucos comportamentos abusivos.

De acordo com Ferraz *et al.* (2019), o Estado e movimentos sociais, como o movimento feminista, tem influência em mudanças de práticas culturais de gênero. Skinner (2003), ao falar de agências controladoras, discute sobre as formas de controle do comportamento exercidas pelo Estado de direito, tais como pela criação e implementação de leis que, de acordo com o autor, podem ser descritas em dois aspectos importantes:

Em primeiro lugar, especifica o comportamento. O comportamento em geral não é descrito topograficamente, mas em termos de seus efeitos sobre os outros[...]. Em segundo lugar, uma lei especifica ou dá a entender certa consequência, usualmente a punição [...]. Uma lei é uma regra de conduta no sentido que especifica as consequências de certas ações que por seu turno “regem” o comportamento (Skinner, 2003, p. 396-370).

Quanto à influência de movimentos sociais, o feminismo é um exemplo de movimento que exerceu influência em mudanças de práticas culturais de gênero, desde a conquista das mulheres no direito ao voto em 1932, como também com concepções importantes para o incentivo de relações mais igualitárias, como o de sororidade³ e empoderamento feminino (Ferraz *et al.*, 2019). Portanto, os dados quanto ao índice de violência da amostra deste estudo podem refletir mudanças nas práticas sociais, sendo um efeito de alterações nas contingências de reforço mantidas por uma agência controladora.

No entanto, é possível observar, ainda na Tabela 2, algumas especificidades em relação aos índices de violência que ocorrem. Os dados evidenciaram uma frequência média maior em meninas do que em meninos quanto à emissão de *comportamentos abusivos*, bem como uma frequência média menor em relação aos *comportamentos não-abusivos/positivos*.

A percepção sobre o comportamento do outro também variou: a média de percepção de

³ A sororidade é “a construção de alianças de solidariedade entre mulheres e o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre a cultura misógina existente” (Ferraz *et al.*, 2019, p. 189).

comportamentos do outro foi menor em meninas do que em meninos, tanto para *comportamentos abusivos* como *não abusivos/positivos*. Sobre isso, os índices de violência no namoro, especificados por sexo, apontaram as meninas como autoras da violência em uma frequência maior do que os meninos. Cabe ressaltar que o dado apresentado não confirma a hipótese inicial do presente estudo, que é a de que meninos emitiram maior índice de violência do que meninas.

Uma possível interpretação para este dado está no conceito de contracontrole que, como exposto, é um dos possíveis efeitos do controle aversivo, no qual o indivíduo que tem seu comportamento controlado passa a emitir uma nova resposta, escapando e impedindo que o agente controlador mantenha o controle sobre o seu comportamento (Skinner, 2006). Considerando o histórico de prevalência da violência de homens contra a mulheres ao longo dos anos (Instituto Avon, 2013; Machado; Caridade; Martins, 2010; Reid *et al.*, 2008), práticas de gênero geralmente envolvem o uso de controle condicional no qual o sexo de um indivíduo evocaria diferentes comportamentos da outra parte da interação (Ruiz, 2003). Sidman (2009, p. 195) destaca que “os padrões absolutos de normalidade feminina são baseados em tradição cultural”, no qual o controle coercitivo é utilizado contra mulheres que não se comportam da maneira que é esperada. Assim, o movimento feminista surge como uma prática de contracontrole, analisando as relações interpessoais sob a ótica de gênero e buscando mudar a dinâmica dessas relações (Couto; Dittrich, 2017).

Ao analisar essa mudança, Ferraz *et al.* (2019) pontuam que conceitos como sororidade e empoderamento, também entendidos aqui como contracontrole, contribuíram para mudanças de práticas culturais de gênero. Couto (2019, p. 167) discute o empoderamento como um “processo pelo qual as mulheres adquirem novos repertórios comportamentais que, de alguma forma, se relacionam à mudança de contextos aversivos dependentes do seu gênero”, no qual esses novos comportamentos seriam reforçados pelo ambiente no qual estão inseridas. Levando em conta os resultados apresentados, respostas abusivas de meninas podem ter surgido como uma forma de contracontrole em relação às práticas ainda vigentes na cultura patriarcal, e que obtiveram consequências reforçadoras para a manutenção dessas respostas. Duas outras hipóteses também podem ser analisadas. Na primeira, meninas podem ter sido mais fiéis no autorrelato acerca de suas condutas e os meninos, por esquivas de punição social, podem não ter revelado como se comportam nas relações afetivo-sexuais, o que tem sido considerado como uma das críticas mais frequentes nos estudos de medidas indiretas. Na segunda, meninas podem ter aprendido respostas de agressão, por meio de regras ou modelação, e reproduzem práticas agressivas aprendidas nas suas relações familiares. Isto implica em dizer que mulheres podem ter posturas machistas nas suas relações afetivo- sexuais.

Além disso, é possível observar, na Tabela 3, que 85% (n=17) dos meninos e 88,47% (n=23) das meninas emitiram pelo menos um comportamento considerado abusivo dentro da relação.

Tabela 3 – Frequência do tipo de violência evidenciado pelo CADRI em grupos do sexo masculino e feminino.

Fator		Autor		Vítima	
		Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa
Masculino	Geral	17	85,0	17	85,0
	Violência emocional/relacional	17	85,0	17	85,0
	Violência física	2	10,0	7	35,0
	Violência sexual	5	25,0	9	45,0
Feminino	Geral	23	88,47	20	76,93
	Violência emocional/relacional	23	88,47	20	76,93
	Violência física	7	26,93	2	7,68
	Violência sexual	4	15,39	4	15,38

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Verificou-se maior frequência de autoria nas adolescentes do sexo feminino nos itens relacionados à *violência física e emocional/relacional*. Os dados também mostram que meninos relataram vivenciar mais comportamentos de *violência sexual* do que meninas, mas também são autores desse tipo de violência com maior frequência. Ainda, adolescentes do sexo masculino apresentaram a mesma frequência de resposta para *violência psicológica* tanto na situação de autores, como de vítimas.

Embora o fenômeno da violência de gênero seja mais discutido sob a ótica da vitimização feminina, no qual o homem é mais frequentemente colocado como autor da violência e a mulher como vítima (Caridade; Machado, 2006; Diniz; Alves, 2015), isso não exprime a inexistência da violência sob homens e estes também estão suscetíveis a vivenciarem situações de abuso dentro de um relacionamento amoroso (Diniz; Alves, 2015; Lewis; Freemouw, 2001; Reid *et al.*, 2008). Também parece haver uma naturalização de práticas violentas quando estas não são tão explícitas quanto a violência física ou sexual (Instituto Avon, 2013; Minayo; Assis; Njaine, 2011), como é o caso da violência psicológica e moral – que envolvem práticas de abuso emocional e verbal também.

Minayo, Assis e Njaine (2011) já apontavam para a naturalização da violência entre jovens de ambos os sexos, sendo este um obstáculo para relacionamentos mais dialógicos. Koller (2015) complementa essa discussão ao elucidar que há um comprometimento nas relações quando a individualidade do outro não é respeitada também. Sobre isso, a autora afirma:

Quando uma pessoa se acha dona da outra, pode ser indício de problemas [...].O ciúme, a invasão de privacidade, a intromissão no ir e vir, a submissão às atividades sexuais, entre outras, são indícios. Em geral, quem se dá conta inicialmente é aquele(a) parceiro(a) mais vitimizado(a), pois começa a sentir seus direitos violados e não reconhecidos e, mesmo ao expressar-se, recebe uma resposta de que está apenas sendo cuidado (Koller, 2015, p. 10).

E isso não acontece apenas em microssistemas, mas de uma forma mais ampla. Parece haver uma certa tolerância social ao abuso – principalmente quando este não é explícito – sendo manifestada principalmente pela culpabilização da vítima e eufemização e naturalização do comportamento do agressor (Pinheiro; Oshiro, 2015). Barreira, Lima e Avanci (2013) apontaram que a violência física raramente acontece sem a violência psicológica junto, mas a violência psicológica pode acontecer mesmo sem a presença de violência física.

Além disso, a análise de um ou mais episódios de abuso em uma relação requer uma visão não apenas do comportamento em si, mas de contextos políticos, históricos e socioeconômicos, os quais oferecem, em muitas ocasiões, contexto para a ocorrência de diversos tipos de violência, bem como condições para seu reforçamento e naturalização (Mizael, 2015). Considerando o exposto, os resultados do CADRI também foram evidenciados pelo tipo de rede de ensino – pública ou privada – como observado na Tabela 4.

Tabela 4 – Frequência média de ocorrência de comportamentos especificados pelo CADRI em grupos de estudantes de escola da rede pública e da rede privada.

Fator		Média		Desvio padrão	Score mínimo	Score máximo
		Absoluta	Relativa			
Estudantes da rede pública	Comportamentos do próprio Abusivos	6,86	19,6	6,80	0	24
	Comportamentos do próprio Não abusivos/Positivos	7,22	72,2	2,13	1,0	10
	Comportamentos do outro Abusivos	7,59	21,68	7,51	0	22
	Comportamentos do outro Não abusivos/Positivos	7,13	71,3	2,10	1,0	10
	Comportamentos do próprio	3,95	11,28	3,54	0	10

Estudantes da rede privada	Abusivos					
	Comportamentos do próprio					
	Não abusivos/Positivos	8,41	84,1	1,01	6,0	10
	Comportamentos do outro	3,75	10,71	4,04	0	16
	Abusivos					
	Comportamentos do outro	8,25	82,5	1,18	6,0	10
	não abusivos/positivos					

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Como já apontado, os dados evidenciam uma amostra que emite poucos *comportamentos abusivos*, sendo a frequência média de 19,6% em estudantes da rede pública e 11,28% da rede privada. Em contrapartida, há uma alta frequência de emissão de *comportamentos não abusivos/positivos*, com percentual de 72,2% na amostra da rede pública e 84,1 da rede privada.

Ainda que os índices de comportamentos abusivos não tenham sido altos, há especificidades nesses grupos que também devem ser consideradas. Os dados apontam que há uma diferença na frequência média de *comportamentos abusivos e positivos* entre adolescentes estudantes da rede pública e da rede privada, tendo estes primeiros indicadores mais elevados de comportamentos abusivos em relação ao segundo grupo. A frequência média dos indicadores para *comportamentos não abusivos/positivos* foi maior em adolescentes da rede privada do que da rede pública.

Considerando o tipo de violência, a Tabela 5 apresenta a frequência do tipo de violência para os dois grupos de adolescentes, tanto estudantes da rede pública, como privada.

Tabela 5 – Frequência do tipo de violência evidenciado pelo CADRI em grupos de estudantes de escolas da rede pública e da rede privada.

Fator		Autor		Vítima	
		Absoluta	Relativa	Absoluta	Relativa
Estudantes da rede pública	Geral	20	90,90	19	86,36
	Violência emocional/relacional	20	90,90	19	86,36
	Violência física	7	31,81	7	31,81
	Violência sexual	7	31,81	8	36,36
	Geral	20	83,33	18	75,0

Estudantes da rede privada	Violência emocional/relacional	20	83,33	18	75,0
	Violência física	2	8,33	4	16,66
	Violência sexual	2	8,33	3	12,50

Fonte: Elaborada pela autora.

A incidência de violência em estudantes da rede pública foi maior em estudantes da rede pública do que da rede privada. Enquanto 90,90% (n=20) dos estudantes da rede pública e 83,33% (n=20) da rede privada emitem pelo menos um tipo de *comportamento abusivo*. No contexto de vítimas da violência, esse percentual foi de 86,36% (n=19) em adolescentes de escola pública, mas de 75% (n=18) em adolescentes de escola privada.

Esses dados corroboram com os da literatura existente. A exemplo disso, Spencer *et al.* (2019) analisaram que os fatores de risco que mais impactavam nos índices de violência no namoro estavam relacionados a variáveis de vulnerabilidade social. Oliveira (2006) acrescenta que essa prevalência também se dá em contextos familiares mais vulneráveis, tanto pela presença de violência no seio familiar, mas também considerando fatores socioeconômicos e regras sociais. Callou *et al.* (2016) também evidenciaram uma relação entre nível educacional, classe social e baixo nível de instrução com regras sociais de violência de gênero. Os dados também se alinham com os de Minayo, Assis e Njaine (2011), já que, embora exista a presença de violência nos dois grupos, no caso da rede privada a frequência pode ser menos evidenciada, uma vez que há acesso a maiores oportunidades financeiras e sociais.

Mizael (2015), ao discorrer sobre o feminismo interseccional⁴ e análise do comportamento, afirma que a articulação entre marcadores sociais cria condições tanto para maior opressão, como também para maior privilégio. Em suas palavras:

O foco de análise é a interação ou intersecção entre as várias categorias ou identidades a qual uma pessoa pertence (marcadores sociais), como sexo designado no nascimento, orientação sexual, deficiências, classe social, cor, geração, etc [...]. Diante da pergunta ‘quem tem mais desvantagem: homens ou mulheres?’, a resposta pode variar a depender dos outros marcadores incluídos na análise. São homens ou mulheres brancos? Eles vivem na cidade, no campo? São jovens, idosos? [...]. (Mizael, 2015, p. 46)

É necessário ressaltar que, embora pareça haver uma maior incidência de violência em adolescentes da rede privada, os dados mostram que a *violência emocional/relacional* é

⁴ O termo feminismo interseccional “tem sido utilizado para denominar feminismos nos quais as interseccionalidades são levadas em consideração nas análises, ou seja, que ser mulher pode produzir formas de opressão, mas que essa característica não é (ou não deveria ser) a única ou a mais importante forma de opressão” (Mizael, 2015, p. 45).

predominante nas duas categorias e, também, na frequência de grupos por sexo – feminino e masculino.

Sobre os níveis de concordância com regras de masculinidade a partir da Escalade Significados da Masculinidade em Adolescentes (Murta *et al.*, 2016), os resultados quanto à frequência de concordância em grupos de sexo masculino e feminino podem ser verificados por meio da Tabela 6.

Tabela 6 – Frequência média de concordância com os fatores heterossexismo, esforço constante e restrição emocional em grupos de sexo masculino e feminino.

Item	Geral		Masculino		Feminino	
	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	Média	Desvio Padrão
Heterossexismo	4,19	5,02	4,30	4,74	4,11	5,31
Esforço constante	4,76	3,76	6,90	3,83	3,11	2,64
Restrição emocional	2,08	2,64	2,75	2,98	1,57	2,28

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A Tabela 7 apresenta os resultados em relação ao índice de concordância com regras de masculinidade entre grupos de adolescentes estudantes da rede pública e privada.

Tabela 7 – Frequência média de concordância com os fatores heterossexismo, esforço constante e restrição emocional em grupos de adolescentes estudantes da rede pública e privada.

Item	Geral		Rede Pública		Rede Privada	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
Heterossexismo	4,19	5,02	4,81	4,38	3,62	5,57
Esforço Constante	4,76	3,70	6,18	3,76	3,45	3,18
Restrição Emocional	2,08	2,64	2,90	3,17	1,33	1,81

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

É possível identificar que a amostra apresentou baixo nível de concordância com regras sociais de masculinidade tanto para o grupo de meninos, como de meninas. Skinner (1980) alegou que a mudança cultural acontece quando novas práticas sociais são apresentadas e modificam-se as condições sob as quais elas são selecionadas quando o ambiente em que os homens vivem é também modificado. Também em suas palavras, “o adolescente de hoje é afetado por técnicas

que mostram uma transição de um procedimento cultural para outro” (Skinner, 2003, p. 453).

Sobre isso, faz-se necessário ressaltar que a amostra do presente estudo é constituída por adolescentes considerados pertencentes as “gerações Z e Alpha”, que nasceram em um cenário de mudança cultural, no qual movimentos pró-diversidade e inclusão, bem como discussões sobre questões de gênero são pautas mais enfatizadas e frequentes comparativamente a gerações anteriores (Holtz, 2020; Jordão, 2016). Mizael (2015) também já havia ressaltado a geração como um marcador social relevante a ser considerado na análise das relações de gênero, uma vez que novas práticas culturais são estabelecidas.

Faz-se necessário pontuar que, dos 24 estudantes da rede privada, 21 estudavam na mesma escola, que é conhecida por divulgar nos meios de comunicação a defesa de valores relacionados à diversidade e inclusão social, além de possuir na sua grade curricular disciplinas que têm como objetivos o desenvolvimento de competências socioemocionais, cujas ações e movimentos internos podem ser um fator de influência para os baixos índices de concordância com regras de masculinidade desse grupo social.

Diante desse dado, a discussão sobre o controle de agências, como o Estado e as escolas, mostra-se relevante. Skinner (2003, p. 438) enfatiza que, no contexto educacional, há uma ênfase na aquisição de um novo comportamento ao invés de sua manutenção e que, “[...] ao preparar o indivíduo para situações que ainda não surgiram, os operantes discriminativos são colocados sob o controle de estímulos que provavelmente ocorrerão nessas situações”.

Portanto, se as escolas apresentam movimentos e campanhas relacionados às relações interpessoais – fornecendo modelos de respostas alternativas e antagônicas à violência – como a instituição privada evidenciada na amostra, elas estão oferecendo contexto para que mudanças comportamentais também ocorram. Aliás, campanhas de prevenção à violência contra a mulher e à violência de gênero tem sido cada vez mais evidenciadas, em especial após a implementação de leis como a Lei 11.340, também chamada de Lei Maria da Penha, que institui as formas de violência doméstica ou familiar contra a mulher (Deboni; Silva, 2018; Pereira, 2018). Isso nos leva a considerar que a menção às leis vigentes pode ser um aliado nas estratégias para a diminuição da incidência de violência no namoro, uma vez que estas se constituem como descritores de contingências ao especificarem os comportamentos indesejados e suas prováveis consequências punitivas (Skinner, 2003).

Considerando que o terceiro objetivo da presente pesquisa foi caracterizar o repertório de Habilidades Sociais, a Tabela 8 apresenta o escore médio dos adolescentes no IHSA, bem como o escore por fatores. Uma separação por sexo também foi estabelecida para fins de discussão posterior.

Tabela 8 – Escore médio dos adolescentes no IHSA, apresentado por fatores e subdividido pelo sexo do adolescente

		Total	Masculino	Feminino
GERAL	Escore médio	90,95	96,70	86,53
	Desvio padrão	37,24	36,38	37,99
EMPATIA	Escore médio	26,69	27,25	26,26
	Desvio padrão	11,10	11,25	11,18
AUTOCONTROLE	Escore médio	16,78	18,15	15,73
	Desvio padrão	8,51	9,41	7,76
CIVILIDADE	Escore médio	18,17	19,20	17,38
	Desvio padrão	6,80	6,61	6,97
ASSERTIVIDADE	Escore médio	18,21	19,70	17,07
	Desvio padrão	7,76	6,82	8,37
ABORDAGEM AFETIVA	Escore médio	10,45	11,45	9,69
	Desvio padrão	6,20	5,44	6,74
DESENVOLTURA SOCIAL	Escore médio	11,28	12,60	10,26
	Desvio Padrão	5,73	5,33	5,91

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Nota-se que o grupo do sexo masculino apresentou uma média superior ao grupo do sexo feminino no escore total e nos seis fatores do instrumento, o que pode indicar que, na amostra, meninos apresentaram um repertório de habilidades sociais mais elaborado em relação às meninas. Estudos sobre a temática apontam que, desde cedo, meninos são mais estimulados em suas habilidades do que meninas a terem comportamentos mais ativos, sendo mais incentivados a se exporem às situações cotidianas do que meninas que, em geral, são ensinadas a se exporem menos às situações e a serem mais passivas nas relações sociais (Diniz; Alves, 2015; Instituto Avon, 2013; 2014; Louro, 2003).

Para analisar esse dado de forma mais específica, a Tabela 9 apresenta a frequência de classificação do repertório de Habilidades Sociais para os adolescentes do sexo masculino e feminino.

Tabela 9 – Frequência de classificação geral e por fatores do repertório de Habilidades Sociais dos adolescentes em grupos de sexo masculino e feminino

Frequência/ Interpretação			Repertório altamente elaborado de HS	Repertório elaborado de HS	Bom repertório de HS	Repertório médio/inferior de HS	Repertório abaixo da média inferior de HS
Geral	Masculino	Absoluta	7	1	8	1	3
		Relativa	35	5	40	5	15
	Feminino	Absoluta	9	-	2	2	13
		Relativa	34,61	-	7,69	7,69	50
Empatia	Masculino	Absoluta	8	2	5	-	5
		Relativa	40	10	25	-	25
	Feminino	Absoluta	6	2	5	3	10
		Relativa	23,07	7,69	19,23	11,53	38,46
Autocontrole	Masculino	Absoluta	9	2	2	-	7
		Relativa	45	10	10	-	35
	Feminino	Absoluta	5	3	6	6	6
		Relativa	19,23	11,53	23,07	23,07	23,07
Civilidade	Masculino	Absoluta	11	1	5	-	3
		Relativa	55	5	25	-	15
	Feminino	Absoluta	5	2	4	2	11
		Relativa	19,23	7,69	15,38	7,69	42,30
Assertividade	Masculino	Absoluta	7	4	4	1	4
		Relativa	35	20	20	5	20
	Feminino	Absoluta	7	2	4	2	11
		Relativa	26,92	7,69	15,68	7,69	42,30
Abordagem Afetiva	Masculino	Absoluta	4	-	7	2	7
		Relativa	20	-	35	10	35
	Feminino	Absoluta	4	2	7	2	11
		Relativa	15,38	7,69	26,92	7,69	42,30
Desenvoltura Social	Masculino	Absoluta	7	3	6	-	4
		Relativa	35	15	30	-	20
	Feminino	Absoluta	4	2	9	2	9
		Relativa	15,38	7,69	34,61	7,69	34,61

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

É possível evidenciar que as adolescentes do sexo feminino apresentaram uma frequência média para um repertório de Habilidades Sociais médio ou superior ($n=11,42,43\%$) que foi comparativamente menor em relação aos adolescentes do sexo masculino ($n=16, 80\%$). Em contrapartida, a frequência média do repertório médio inferior ou abaixo da média inferior foi de $57,69\%$ ($n=15$) para meninas e 20% ($n=4$) para meninos.

Sobre isso, Diniz e Alves (2015) e Otero e Guerrilhas (2007) destacam que é na fase da adolescência que marcadores de gênero começam a serem evidenciados, no qual meninas são mais estimuladas a emitirem determinados comportamentos em detrimento de outros, podendo demonstrar maior passividade, enquanto meninos são mais estimulados a terem comportamentos que indicam menor passividade. Corroborando a esta ideia, é possível observar, no fator Assertividade, que 50% ($n=13$) das adolescentes do sexo feminino apresentaram um repertório assertivo médio inferior ou abaixo da média inferior. Já nos meninos, esse percentual cai para 25% ($n=5$), enquanto 75% ($n=15$) apresenta um repertório médio ou superior.

Além disso, $53,84\%$ ($n=14$) das meninas são estudantes de escola da rede privada, enquanto $46,15\%$ são da rede pública. Quanto aos meninos, essa frequência é de 50% ($n=10$) para cada tipo de instituição de ensino. Considerando este como um fator de influência no repertório de Habilidades Sociais, a Tabela 10 apresenta a frequência da caracterização desse repertório para cada tipo de rede de ensino, pública e privada, respectivamente.

Tabela 10 – Frequência de classificação geral e por fatores do repertório de Habilidades Sociais dos adolescentes em grupos de adolescentes da rede pública e privada

Fator/Interpretação			Repertório altamente elaborado de HS	Repertório elaborado de HS	Bom repertório de HS	Repertório médio inferior de HS	Repertório abaixo da média inferior de HS
Geral	Rede pública	Absoluta	5	1	4	2	10
		Relativa	22,72	4,54	18,18	9,09	45,45
	Rede privada	Absoluta	11	-	6	1	6
		Relativa	45,83	-	25	4,16	25
Empatia	Rede pública	Absoluta	4	2	4	2	10
		Relativa	18,18	9,09	18,18	9,09	45,45
	Rede privada	Absoluta	10	2	6	1	5
		Relativa	41,66	8,33	25	4,16	20,83
Autocontrole	Rede pública	Absoluta	8	2	3	3	8
		Relativa	27,27	9,09	13,63	16,63	36,36
	Rede privada	Absoluta	8	3	5	3	5
		Relativa	33,33	12,5	20,83	12,5	20,83
Civilidade	Rede pública	Absoluta	5	1	7	-	9
		Relativa	22,27	4,54	31,81	-	40,90
	Rede privada	Absoluta	11	2	9	-	2
		Relativa	45,83	8,33	37,5	-	8,33
Assertividade	Rede pública	Absoluta	6	1	2	2	11
		Relativa	27,27	4,54	9,09	9,09	50
	Rede privada	Absoluta	8	5	6	1	4
		Relativa	33,33	20,83	25	4,16	16,66
Abordagem Afetiva	Rede pública	Absoluta	3	1	7	1	10
		Relativa	13,63	4,54	31,81	4,54	45,45
	Rede privada	Absoluta	5	1	7	3	8
		Relativa	20,83	4,16	29,16	12,5	33,33
Desenvoltura Social	Rede pública	Absoluta	3	1	9	1	8
		Relativa	13,63	4,54	40,90	4,54	27,27
	Rede privada	Absoluta	8	4	6	1	5
		Relativa	33,33	16,66	25	4,16	20,83

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Destaca-se, aqui, que os adolescentes da instituição de ensino pública tiveram uma frequência de 45,45% (n=10) para um repertório de Habilidades Sociais médio ou superior, enquanto 54,54% (n=12) foram classificados com um repertório de Habilidades Sociais médio inferior ou abaixo da média inferior. Já os adolescentes da instituição de ensino privada tiveram uma frequência de 70,83% (n=17) para um repertório de Habilidades Sociais médio ou superior, enquanto 29,16% (n=7) foram classificados com um repertório de Habilidades Sociais médio inferior ou abaixo da média inferior.

Comodo, Del Prette e Del Prette (2017), ao falarem da intergeracionalidade dos comportamentos e sua influência no repertório de HS, também identificaram que existem diferenças entre grupos socioeconômicos. Isso significa que o repertório de HS que será transmitido de pai para filho, de mãe para filha, pode variar a partir e depender de variáveis como o tipo de escola, sexo e idade dos filhos. Barreira, Lima e Avanci (2013) também evidenciaram a violência dentro de casa, em especial quando emitida pelo pai, como um fator preditor para a intergeracionalidade de comportamentos abusivos. As autoras também afirmaram haver uma relação entre o nível socioeconômico e a predisposição à violência nas relações, uma vez que, se há violência na comunidade em que o adolescente vive, é mais provável que ele aprenda padrões de comportamentos violentos. Foshee *et al.* (2014) também já havia apontado que variáveis como sexo, cor e condições socioeconômicas podem ser preditores de *bullying* direto nas escolas e violência no namoro.

Ainda, a produção científica no campo das HS tem apontado evidências de resultados positivos associados a um bom repertório de HS, colocando-o como um fator de proteção para evitar problemas de relacionamento, transtornos psicológicos, entre outros (Bonache; Gonzalez-Mendez; Krahé, 2017; Elias; Britto, 2007; Spencer *et al.*, 2019;). Del Prette e Del Prette (2017) destacam que um repertório elaborado de HS pode ter diversos efeitos, como qualidade de vida, construção de rede de apoio, bom relacionamento afetivo e melhora na resolução de problemas interpessoais. Essa discussão vai ao encontro com os dados obtidos no presente estudo, uma vez que foi evidenciada uma amostra não violenta e com índices de HS médio ou superior.

Para complementar a discussão proposta, foram realizadas análises comparativas considerando os escores geral e por fatores dos instrumentos e os dois grupos já mencionados, por sexo – masculino e feminino – e por rede de ensino – pública ou privada. Os resultados do Teste t de Welch apontaram diferenças significativas em grupos de sexo apenas no fator de esforço constante presente na Escala de Significados da Masculinidade para Adolescentes (Murta *et al.*, 2016), como mostra a Tabela 11.

Tabela 11 – Resultado do fator de esforço constante após análises comparativas por grupos de sexo.

	t	dp	p	d de Cohen	95% CI	
					Mínimo	Máximo
Esforço Constante	3.775	32.144	< .001	1.149	0.495	1.788

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Nessa linha, os documentários citados no capítulo de fundamentação desse estudo, “The mask you live in” (2015) e “O silêncio dos homens” (2019) entrevistaram homens com diferenças de idade, cor, classe social e profissão. O resultado foi uma discussão acerca da forma como regras sociais de masculinidade exercem influência na intergeracionalidade de comportamentos conhecidos por serem especificamente masculinos e, como efeito, pode ser percebido um déficit em habilidades de controle da impulsividade, gerenciamento de emoções e verbalização de sentimentos.

Quanto aos resultados do Teste t de Welch para grupos de adolescentes da rede pública e privada, foram encontradas diferenças significativas no IHSA e na Escala de Significados da Masculinidade para Adolescentes (Murta *et al.*, 2016), como mostra a Tabela 12.

Tabela 12 – Resultado das análises comparativas por tipo de rede de ensino

	t	dp	p	d de Cohen	95% CI PARA D DE COHEN	
					Mínimo	Máximo
IHSA-FrequênciaGeraL	2.192	37.866	0.035	-0.652	-1.244	-0.051
Empatia	2.347	37.349	0.024	-0.698	-1.293	-0.094
Civildade	2.564	33.438	0.015	-0.765	-1.366	-0.153
Assertividade	2.185	39.729	0.035	-0.648	-1.240	-0.049
Desenvoltura Social	2.084	42.232	0.043	-0.617	-1.206	-0.020
Esma*- Geral	2.196	41.438	0.034	0.651	0.052	1.242
Esforço Constante	2.636	41.383	0.012	0.781	0.174	1.379
Restrição Emocional	2.043	32.716	0.049	0.610	0.008	1.202

*Escala de Significados para Masculinidade em Adolescentes.

Fonte: elaborada pela autora (2023).

Tais evidências ratificam a discussão aqui proposta, uma vez que os grupos de adolescentes de escola pública e particular apresentam experiências sociais diferentes (Barreira;

Lima; Avanci, 2013; Comodo; Del Prette; Del Prette, 2017; Foshee *et al.*, 2014), que resultam em um repertório comportamental diferente para cada um. Skinner (2003, p. 331), ao discutir sobre comportamento social e cultura, afirmava que “os estímulos sociais são importantes porque os reforçadores sociais com os quais se relacionam são importantes”. Isso significa que é necessário olhar para a relação como um todo, não apenas para o comportamento isolado, uma vez que a variação do contexto e dos efeitos da resposta podem elucidar análises diferentes para comportamentos topograficamente semelhantes (Skinner, 2003).

Sendo assim, os dados apresentados não apenas apontam diferenças significativas entre grupos, mas indicam um olhar de atenção que será necessário ter ao analisar um mesmo comportamento dentro de diferentes grupos – no caso, por sexo e por rede de ensino. Nessa perspectiva, a Tabela 14 apresenta os resultados das análises de correlação entre violência no namoro, regras de masculinidade e HS, considerando seus escores geral e por fatores.

Tabela 13 – Correlações entre Habilidades Sociais, índice de violência no namoro e concordância com regras de masculinidade.

Variável	ESMA				CADRI				
	Geral	Heterossexismo	Esforço constante	Restrição emocional	Próprio Abusivo	Próprio Positivo	Outro Abusivo	Outro Positivo	
R									
(P)									
IHSA	Geral	-0,253 0,090	-0,256 0,086	-0,099 0,513	-0,153 0,310	-0,283 0,057	0,526 <.001	-0,153 0,308	0,387 0,008
	Empatia	-0,353 0,016	-0,338 0,022	-0,195 0,193	-0,204 0,174	-0,220 0,143	0,424 0,003	-0,108 0,474	0,328 0,026
	Autocontrole	-0,165 0,272	-0,216 0,149	-0,050 0,740	-0,069 0,647	-0,262 0,079	0,452 0,002	-0,189 0,208	0,342 0,020
	Civilidade	-0,123 0,417	-0,127 0,400	-0,040 0,790	-0,137 0,364	-0,184 0,221	0,477 <.001	-0,120 0,428	0,369 0,012
	Assertividade	-0,253 0,089	-0,265 0,075	-0,075 0,622	-0,172 0,252	-0,186 0,216	0,465 0,001	-0,116 0,443	0,295 0,047
	Abordagem afetiva	-0,126 0,403	0,045 0,767	-0,068 0,655	-0,069 0,648	-0,164 0,276	0,309 0,037	-0,043 0,775	0,126 0,403
	Desenvoltura social	-0,186 0,217	-0,236 0,114	0,007 0,964	-0,166 0,269	-0,279 0,061	0,447 0,002	-0,181 0,230	0,346 0,018

CADRI	Próprio	0,245	0,246	-0,015	0,276	-	-	-	-
	Abusivo	0,100	0,099	0,919	0,063	-	-	-	-
	Próprio	0,016	0,082	-0,216	-0,026	-	-	-	-
	Positivo	0,918	0,587	0,149	0,866	-	-	-	-
	Outro	0,282	0,202	0,083	0,308	-	-	-	-
	Abusivo	0,058	0,178	0,583	0,038	-	-	-	-
	Outro	-0,072	-0,052	-0,236	-0,064	-	-	-	-
	Positivo	0,634	0,731	0,115	0,673	-	-	-	-

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Observa-se que o CADRI, para o indicador de *comportamentos não abusivos/positivos* do próprio, apresentou correlação positiva e moderada com o IHSa em todos os seis fatores – *empatia, autocontrole, civilidade, assertividade, abordagem afetiva e desenvoltura social* – e uma correlação positiva e forte com o escore total de frequência do IHSa. Quanto ao indicador de *comportamentos não abusivos/positivos* do outro, nota-se uma correlação positiva e moderada com o escore total de frequência do IHSa, bem como nos fatores 1, 2, 3 e 6 – *empatia, autocontrole, civilidade e desenvolturasocial*. A interpretação desses dados permite verificar que, quanto maior o repertório de Habilidades Sociais da amostra, maior a emissão de *comportamentos não abusivos/positivos* também e vice-versa. Em contrapartida, não foram observadas análises significativas entre o repertório de HS e os indicadores de *comportamentos abusivos* do outro e de si, o que pode indicar que o nível de repertório de HS tem influência maior no desenvolvimento de estratégias positivas do que na emissão de comportamentos abusivos. Tais análises apoiam as evidências encontradas na literatura acerca das relações existentes entre violência no namoro e Habilidades Sociais (Bonache; Gonzalez-Mendez; Krahé, 2017; De La Rue *et al.*, 2016; Fernet; Hebert; Paradis, 2016).

O CADRI também apresentou uma correlação positiva e moderada no indicador de comportamentos abusivos do outro com o indicador de restrição emocional das regras de masculinidade. Isso significa que, quanto maior a concordância com regras de masculinidade que expressam restrição emocional, maior a prevalência do/a adolescente em relações cujo parceiro emite comportamentos abusivos. Considerando esse dado, Miller *et al.* (2019) já haviam encontrado, em um estudo com 866 adolescentes, evidências de que um possível preditor de violência entre jovens é a presença de regras relacionadas a comportamentos de gênero e masculinidade. As relações que o indivíduo estabelece com a cultura e regras sociais sugerem que o aprendizado de regras de masculinidade e comportamentos relacionados a essas regras poderiam já ocorrer antes mesmo do ato de violência ocorrer (Freitas; Morais, 2019;

Saffioti, 2004).

Nesse sentido, o indicador de escore geral e de *heterossexismo* tiveram uma correlação negativa e moderada com o fator 1 do IHSA, que diz respeito à *empatia*. Em outras palavras, quanto maior é a concordância com regras de masculinidade, em especial com as regras relacionadas ao *heterossexismo*, menor é o repertório de *empatia* do/a adolescente.

Estudos sobre o tema apontam que existe uma relação entre déficit de habilidades sociais e práticas preconceituosas, como sexismo e heterossexismo, em especial a empatia, podendo esta ser mais um fator de proteção para comportamentos violentos – quanto maior o repertório de empatia, menor seria a frequência de concordância e comportamentos preconceituosos (Del Prette; Del Prette, 2008; Murta; 2010, Del Prette; Del Prette, 2010).

Dadas as especificidades da amostra, que apresentou baixo índice de violência no namoro, faz-se necessário considerar o contexto de mudança de práticas culturais que podem estar acontecendo com o passar dos anos. Considerando que práticas de contracontrole são um efeito da coerção (Sidman, 2009), a sua ocorrência, associada à influência de movimentos sociais que promovem equidade de gênero, bem como a implementação de leis enquanto descritores de contingências, podem ter favorecido o contexto para que uma variação comportamental ocorresse. Baum (2006, p. 230), ao trazer considerações sobre o conceito de equidade, diz que “o contracontrole é, também, um mecanismo pelo qual as relações podem continuar mudando”.

Sidman (2009) pontua que a coerção ocorre por meio de reforçamento negativo ou punição e que uma possível via para a mudança é o uso maior de reforçamento positivo nas relações. Segundo o autor,

Obviamente o reforçamento negativo e a punição não causam todos os problemas do mundo, nem o reforçamento positivo solucionará todos eles [...]. Procurar algo para reforçar positivamente, em vez de concentrar a atenção em algo para punir, não é nossa maneira de interagir uns com os outros. Nossa educação não proporciona condições para isso. Pais, professores, policiais, terapeutas – todos aqueles cujo trabalho é influenciar os outros – aprendem a procurar por ações indesejáveis e, então, eliminá-las por meio da coerção (Sidman, 2009, p. 249).

Portanto, as agências controladoras têm um importante papel na mudança de práticas culturais, inclusive as de gênero e que podem vir a influenciar a ocorrência de violência no namoro. O autor ressalta, em especial, a necessidade e novas ações relacionadas à participação do Estado e de instituições educativas nesse processo, sendo necessário um planejamento considerando a aprendizagem como uma sequência de passos relacionados, no qual o próximo passo depende do aprendizado anterior (Sidman, 2009). Ferraz *et al.* (2015) destaca a possibilidade do Estado em promover regras sociais, mas que essa estratégia, isoladamente,

pode não ser suficiente. Para isso, os autores apontam a necessidade de se adotar estratégias para o cumprimento das leis, através de campanhas educacionais que deixem claro a contingência indesejável, mas também um modelo alternativo de responder às situações – descrevendo o comportamento e seus efeitos nos dois casos.

Quando Skinner (2003) pontua que o ambiente social que as pessoas vivem e se comportam é resultado de uma série complexa de eventos, deve-se atentar que, ao se falar sobre cultura e comportamento, o planejamento de estratégias variadas para um mesmo objetivo pode trazer uma maior probabilidade de mudanças culturais. De forma complementar, ele pontua que “a punição dá resultados rápidos [...], mas podemos nos dissuadir de aproveitar essa vantagem momentânea se soubermos que o progresso para uma melhor solução se realiza por algum curso de ação alternativa” (Skinner, 2003, p. 473).

Portanto, ao considerar que os resultados do presente estudo indicam contingências comportamentais entrelaçadas, cujo comportamento de violência no namoro precisa ser observado e analisado em suas múltiplas facetas – como é o caso do nível de concordância com regras de masculinidade e repertório de HS –, faz-se necessário também um investimento em práticas de mudanças culturais variadas e que se cruzem em prol de um objetivo em comum, que seria o investimento na prevenção à violência no namoro. Considera-se, a partir dos resultados apresentados, o ensino de novas regras sociais alternativas às de masculinidade e de gênero e, também, o desenvolvimento de HS como fatores de proteção importantes para a redução e prevenção de comportamentos violentos nas relações amorosas em adolescentes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar as relações entre violência no namoro, regras de masculinidade e Habilidades Sociais. Os resultados indicaram uma amostra que emite baixa frequência de comportamentos de violência no namoro, com baixos níveis de concordância às regras de masculinidade e cujo repertório de HS localiza-se entre médio e superior. Nos casos de ocorrência de violência nas relações afetivo-sexuais, algumas especificidades foram observadas, tais como a prevalência da violência psicológica em ambos os grupos – por sexo, feminino e masculino e por rede de ensino, pública e privada. Além disso, foram observadas correlações positivas, de moderadas a fortes, entre o repertório de HS e comportamentos não abusivos/positivos dentro das relações, tanto por parte da própria pessoa, como também do seu parceiro. Em contrapartida, regras de masculinidade, em especial o heterossexismo, apresentou uma correlação negativa e moderada com o repertório geral de HS e empatia. Nessa linha, regras de masculinidade, como restrição emocional, apresentaram uma correlação positiva e moderada com comportamentos abusivos do parceiro.

Os dados também apontaram diferenças significativas nos grupos de adolescentes de escola pública e privada. Discute-se que estes apresentam maiores incentivos e oportunidades para desenvolver um repertório de HS mais elaborado, bem como aprender regras sociais alternativas às regras sociais de masculinidade.

Assim como já observado em outros estudos sobre o tema (FOSHEE *et al.*, 1998; CALLOU *et al.*, 2016; Gomes; Costa, 2014; Teixeira *et al.*, 2015), considera-se uma dificuldade e limitação do estudo a possibilidade dos adolescentes terem seus repertórios avaliados apenas por meio de instrumentos de autorrelato, uma vez que os instrumentos descrevem as possíveis formas de se comportar nas situações, pode ter ocorrido o fenômeno da deseabilidade social. Outra limitação diz respeito ao tamanho da amostra que, uma vez que amostras grandes permitem uma generalização dos resultados observados. Para estudos futuros, é necessário que sejam feitas novas avaliações como: medidas de informantes, cenários comportamentais e observação direta de comportamentos, assim com uma amostra maior de participantes, bem como a utilização de estratégias e instrumentos que possam minimizar a influência da deseabilidade social na coleta dos dados.

Este estudo possibilitou discutir sobre a temática com o viés analítico- comportamental, trazendo pontuações sobre a importância de se observar o comportamento como um todo, considerando as possíveis variáveis que se relacionam com ele. Ainda, percebeu-se um movimento de mudança em relação aos estudos anteriores sobre o tema, que até então evidenciavam uma incidência maior de violência no namoro, bem como maior concordância

com regras de masculinidade.

Desse modo, com base na bibliografia consultada e nos resultados encontrados, tendo em vista que uma mudança a nível cultural acontece quando novas práticas sociais são apresentadas e modificam-se as condições sob as quais elas são selecionadas quando o ambiente em que os homens vivem é também modificado (Skinner, 1980), sugere-se como possíveis aspectos a serem investidos:

a) Ampliar a investigação sobre a temática de violência no namoro para diferentes grupos sociais além de sexo e tipo de rede de ensino, como: as relações entre etnia, tipo de relacionamento – heterossexual, homossexual, bissexual, etc –, localidade (metrópoles e regiões municipais), religião, entre outros;

b) Investir no ensino da legislação vigente sobre a temática dentro das grades curriculares, uma vez que elas descrevem consequências punidoras para respostas violentas;

c) Apresentar programas e possíveis campanhas que ensinem modelos de comportamentos que se opõem à violência e incentivam a prática de respeito e civilidade;

d) Implementar estratégias de ensino de repertório de HS dentro das escolas, considerando esta como uma agência de controle que ensina novos comportamentos, auxilia na manutenção e apresenta modelos que podem auxiliar em mudanças comportamentais significativas (Skinner, 2003);

e) Realizar programas e Treino de Habilidades Sociais em comunidades e escolas com fator de vulnerabilidade social, como o treino de resolução de conflitos interpessoais, de modo a facilitar o acesso ao ensino de novos modelos comportamentais e reduzir a probabilidade da ocorrência de violência.

Skinner (1980) e Sidman (2009) já apontavam acerca das consequências de longo prazo de práticas coercitivas e da necessidade da instalação e manutenção de novas práticas culturais para estabelecer melhores relações dentro de uma sociedade. As diferenças entre as gerações, que vêm apresentando diferenças na forma de se comportar em relação às gerações passadas – millenials, geração X, baby boomers – (Holtz, 2020; Jordão, 2016; Mizael, 2015) deve ser aproveitada para que ações e investimentos sejam feitos em relação à violência no namoro. Afinal:

[...] coerção não é a raiz de todo mal, mas até que adotemos outros modos, que não o coercitivo, para controlar a conduta uns dos outros, nenhum método para melhorar fisicamente nossa espécie impedirá que o timer de nossa sobrevivência continue andando (Sidman, 2009, p. 10).

Assim, conclui-se que práticas culturais podem influenciar no estabelecimento de continências comportamentais não abusiva nas relações afetivo-sexuais, contribuindo para a

interrupção da intergeracionalidade da violência e mudança nas práticas culturais coercitiva. Encaminha-se o investimento de estudos e intervenções nesta fase do desenvolvimento como forma de prevenção à violência nas relações afetivo-sexuais.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, R. E.; EMMONS, M. L. **Comportamento assertivo: um guia de auto-expressão**. Tradução de J.M. Corrêa. Belo Horizonte: Interlivros. 1989.
- ALDRIGHI, Tânia. Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo – Brasil. **Psicologia: Teoria e Prática**, [S.l.], v. 6, n.1, p. 105-120, 2004. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1203/899>. Acesso em: 28 set. 2020.
- ANDERY, M. A. P. A. O modelo de seleção por consequências e a subjetividade. *In*: BANACO, R. A. **Sobre comportamento e cognição: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista**. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2001. p. 199-208.
- BARREIRA, A. K.; LIMA, M. L. C.; AVANCI, J. Q. Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do recife, Brasil: prevalência e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.l.], n. 18, v. 1, p. 233-243, jan. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/t9Hcq3sjNpNZjYxBRFQdqZB/>.
- BAUM, W. M. **Compreender o behaviorismo: comportamento, cultura e evolução**. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BERTOLDO, Bohn Bertoldo; BARBARÁ, Andréa. Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens. **Psico USF**, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 229-237, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicouf/v11n2/v11n2a11.pdf>. Acesso em: 28 set. 2020.
- BONACHE, Helena; GONZALEZ-MENDEZ, Rosaura; KRAHÉ, Bárbara. Romantic attachment, conflict resolution styles and teen dating violence victimization. **Journal of Youth and Adolescence**, [S.l.], v. 49, n. 9, p. 1905-1917, 2017.
- BONAMIGO, Irme Salete. Violências e contemporaneidade. **Revista Katálysis**, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 204-213, dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HwMmgkb6Q35rBwwMCfhtqMw/#>.
- BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Política Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres**. Brasília, DF: Presidência da República, 2011. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/assuntos/violencia/pacto-nacional/documentos/politica-nacional-enfrentamento-a-violencia-versao-final.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2021.
- CABALLO, Vicente E. **Manual para o tratamento cognitivo-comportamental de transtornos psicológicos: transtornos de ansiedade, sexuais, afetivos e psicóticos**. [S.l.]: Ed. Santos., 2003.
- CALLOU, Isabella C. *et al.* Regras descritivas ocidentais e violência contra a mulher por parceiro íntimo. **Acta Comportamentalia**, [S.l.], v. 24, n. 1, p. 79-94, 2016. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/Actacomportamentalia/2016/vol24/no1/6.pdf>.

CARDOSO, B. L. A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Habilidades sociais conjugais: uma revisão da literatura brasileira. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [S.l.], v. 19, n. 1, p. 124-137, 2017.

CARIDADE, Sônia; MACHADO, Carla. Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. **Análise Psicológica**, [S.l.], v. 4, n. 24, p. 485-493, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v24n4/v24n4a04.pdf>. Acesso em: 28 set. 2020.

CASTANHEIRA, S. S. Regras e aprendizagem por contingências: sempre e em todo o lugar. *In*: GUILHARDI, H. J.; MADI, M. B. B. P.; QUEIROZ, P. P.; SCOZ, M. C. **Sobre comportamento e cognição**: expondo a variabilidade. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, v. 7, 2001. p. 36-46.

CATANIA, A. C. **Aprendizagem**: comportamento, linguagem e cognição. 4 ed. PortoAlegre: Artes Médicas Sul, 1999.

COMODO, Camila Negreiros; DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. Intergeracionalidade das habilidades sociais entre pais e filhos adolescentes. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S.l.], v. 33, p.1-9, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/yDv6LMPGbfWQnTrQkzY74Sn/#>.

COUTO, Aline Guimarães; DITTRICH, Alexandre. Feminismo e análise do comportamento: caminhos para o diálogo. **Revista Perspectivas em Análise do Comportamento**, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 147-158, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482017000200001.

D’AFFONSECA, S. M. *et al.* Violência no namoro: pesquisa e intervenção. *In*: MURTA, S. G.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F.; DINIZ, G. R. S (org.). **Violência no namoro**: estudos, prevenção e psicoterapia. Curitiba: Appris, 2015, p. 309-325.

DE LA RUE, Lisa *et al.* A meta-analysis of school-based interventions aimed to prevent or reduce violence in teen dating relationships. **Review of Educational Research**, [S.l.], v. 87, n. 1, p. 7-34, 2016.

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. **Competência social e habilidades sociais**: manual teórico-prático. [S.l.]: Editora Vozes, 2017.

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. **Psicologia das relações interpessoais e habilidades sociais**: vivências para o trabalho em grupo. Petrópolis: Vozes, 2001.

DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. Assertividade e Religiosidade, muito além de uma Rima!. *In*: BRANDÃO, M. Z.; CONTE, F. (org.). **Falo ou não falo?** Expressando sentimentos e comunicando ideias. Arapongas: Mecenaz, 2007. p. 140-156.

DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. Avaliação de habilidades sociais: bases conceituais, instrumentos e procedimentos. *In*: DEL PRETTE, Almir; DEL

PRETTE, Zilda Aparecida Pereira.(orgs.), **Psicologia das habilidades sociais**: diversidade teórica e suas implicações. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 187-229.

DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. **Habilidades sociais e análise do comportamento**: Proximidade histórica e atualidades. Revista Perspectivas, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 104-115, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pac/v1n2/v1n2a04.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2018.

DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. **Psicologia das Habilidades Sociais na Infância**: Teoria e Prática. Petrópolis:Vozes, 2013.

DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; *et al.* Habilidades Sociais, stress e violência no namoro. *In*: LIPP, M. TRICOLI, V. **Relacionamentos interpessoais no século XXI e o stress emocional**. Novo Hamburgo:Sinopsys, 2014.

DINIZ, G. R. S.; ALVES, C. O. Gênero e violência no namoro. *In*: MURTA, S. G; BUCHER-MALUSCHKE; J. S. N. F.; DINIZ, G. R. S (org.). **Violência no namoro**:estudos, prevenção e psicoterapia. Curitiba: Appris, 2015.

ELIAS, P. V. O.; BRITTO, I. A. G. S. A função da assertividade no relacionamento afetivo. *In*: STARLING, R. R. (org.). **Sobre comportamento e cognição**: temas aplicados. v. 19, Santo André: ESETec, 2007. p. 23-36

FERNET, Mylène; HEBERT, Martine; PARADIS, Alison. Conflict resolution patterns and violence perpetration in adolescent couples: a gender-sensitive mixed-methods approach. **Journal of Adolescence**, [S.l.],v. 49, p. 51-59, 2016.

FERRAZ, J. C. *et al.* Uma análise de metacontingências e macrocontingências envolvidas em práticas de gênero. *In*:PINHEIRO, R.; MIZAEL, T. M (org.). **Debates sobre feminismo e análise do comportamento**. Fortaleza: Imagine Publicações, 2019. p. 177-198.

FIGUEREDO, P. M. V. A influência do locus de controle conjugal, das habilidades sociais conjugais e da comunicação conjugal na satisfação com o casamento. **Ciências & Cognição**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 123-132, 2005.

FOSHEE, Vangie. A. *et al.* An evaluation of safe dates, an adolescent dating violence prevention program. **American Journal of Public Health**, [S.l.], v. 88, n. 1, p. 45-50, 1998.

FOSHEE, Vangie. A. *et al.* Bullying as a longitudinal predictor of adolescent dating violence. **Journal of Adolescent Health**, [S.l.], v. 55, n. 3, p. 439-444, 2014.

FREITAS, Júlia Castro de Carvalho; MORAIS, Amanda Oliveira de. Cultura do estupro: considerações sobre violência sexual, feminismo e análise do comportamento. **Acta Comportamental**, [S.l.], v. 27, n. 1, p.109-123, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/2745/274560588008/274560588008.pdf>.

GLENN, S. S.; MALOTT, M. E. Complexity and Selection: Implications for Organizational Change. **Behavior and Social Issues**, [S.l.], v. 13, n. 2, p.89–106, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.5210/bsi.v13i2.378>.

GLENN, S. S.; MALOTT, M. E.; ANDERY, M.A.P.A. Toward consistent terminology in a behaviorist approach to cultural analysis. **Behavior and Social Issues**, [S.l.], v. 25, p. 11–27,

2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5210/bsi.v25i0.6634>.

GOMES, Holga Cristina da Rocha; COSTA, Nazaré. Violência contra a mulher: uma pesquisa empírica sobrerregas descritivas comuns na sociedade ocidental. **Acta Comportamentalia**, [S.l.], v. 22, n. 1, p. 89-100, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/48853>. Acesso em: 10 dez.2017.

GOMES, Nadirlene Pereira *et al.* He social network for confronting conjugal violence: representations of women who experience this health issue. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 316-324, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072015000200316&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 ago. 2021.

GOMIDE, Paula Inez Cunha. A influência de filmes violentos em comportamento agressivo de criançasde adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/7mpjdsM7SKRMC6kKNRrwY8S/#>.

GONDIM, L. M. L. **Da Bossa Nova a contemporaneidade**: identificando regras sociais relacionadas ao “ciúme” na música brasileira. 2013. Trabalho de Conclusão de Cursos (Bacharel em Psicologia) – Universidade Federal do Maranhão, , São Luís, 2013.

GONZALEZ-MENDEZ, R.; ROJAS-SOLÍS, José Luis; RAMÍREZ-SANTANA, Gustavo M. Exploring conflict resolution and psychological abuse across romantic relationships. **Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma**, [S.l.], p. 1-16, 2017.

GOUVEIA, V. V. **Teoria funcionalista dos valores humanos**: fundamentos, aplicações e perspectivas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

GOUVEIA, Valdiney V. A natureza motivacional dos valores humanos: evidências acerca de umanova tipologia. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, n. 3, p. 431-443, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/pJ47n7jh95kgydFcNtBTCXF/>.

GUERRA, Valeschka Martins *et al.* Concepções da masculinidade: suas associações com os valores e a honra. **Psicologia e Saber Social**, v. 4, n. 1, p. 72-88. 2015. Disponível em: file:///C:/Users/sanay/Downloads/celso_sa,+6+Concepcoes+de+masculinidade.pdf.

HAIR, Joseph .F. *et al.* **Análise multivariada de dados**. 6. ed. [S.l.]: Bookman, 2009.

HOLTZ, Tatiana Daré. **Geração Z**: novos consumidores do mercado e a equidade de gênero nascampanhas publicitárias, no mercado de Portugal e do Brasil. 2020. Dissertação (Mestrado em Design e Publicidade) –Universidade Europeia, Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação, Lisboa, 2020. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/31253>.

HOOKS, B. **Feminismo é para todo mundo**. Tradução Ana Luiza Libânio. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

INSTITUTO AVON. **Percepções dos homens sobre a violência doméstica contra a**

mulher. [S.l.]: Instituto Avon; Data Popular, 2013. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/area-imprensa/documentos-1/pesquisa_instituto22x44_5.pdf. Acesso em: 15 maio 2018.

INSTITUTO AVON. **Violência contra a mulher: o jovem está ligado?** [S.l.]: Instituto AVON, Data Popular, 2014. Disponível em: <http://www.escoladeformacao.sp.gov.br/portais/Portais/175/Instituto%20Avon.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2018.

JORDÃO, M. H. **A mudança de comportamento das gerações X, Y, Z e Alpha e suas implicações.** São Paulo: USP, 2016.

KHAN, R. La violence et le développement socio-économique. **Revue internationale de sciences Sociales**, [S.l.], n. 4, p. 883-908, 1978.

KOLLER, S. H. Prefácio. In: MURTA, S. G; BUCHER-MALUSCHKE; J. S. N. F.; DINIZ, G. R. S (org.). **Violência no namoro: estudos, prevenção e psicoterapia.** Curitiba: Appris, 2015. p. 9-11.

LACERDA, Larissa, COSTA, Nazaré. Relação entre comportamentos emocionais ciumentos e violência contra a mulher. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 21-36, dez. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452013000300003.

LEWIS, S. F.; FREMOUW, W. Dating violence. **Clinical Psychology Review**, [S.l.], v. 21, v. 1, p. 105-127, 2001.

LOURO, G. L. A construção escolar das diferenças. In: LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 6 ed. Petrópolis; Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2003.

MAAS, Carl. D. *et al.* Childhood predictors of teen dating violence victimization. **Violence and Victims**. n. 25, v. 2, p. 131-149, 2010.

MACHADO, C.; CARIDADE, S.; MARTINS, C. Violence in juvenile dating relationships: Self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. **Journal of Family Violence**, n. 25, p. 43-52, 2010.

MALAVAZZI, D. M., PEREIRA, M. E. M. Definição, tipos e funções de regra: uma interpretação da obra de B. F. Skinner. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, [S.l.], v. 32, n. 3, p. 01-08, jul./set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/8cbTtTf3H3xL7QrZRNzvT3v/?format=pdf>.

MARCHEZINI-CUNHA, Vívian, TOURINHO, Emmanuel Zagury. Assertividade e Autocontrole: Interpretação Analítico-Comportamental. **Psicologia: teoria e prática**, [S.l.], v. 26, n. 2, p. 295-304, jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/5W9xKFnHc3HVqkZNRVGH6PN/>.

MARTONE, R. C. Podemos nos beneficiar do conceito de metacontingências na análise dos

- problemas sociais? *In*: TEIXEIRA, A. M. S. **Ciência e Comportamento Humano**: conhecer e avançar. Santo André: Ed. ESETec, 2002, p. 173-184.
- MICHAUD, Y. **A violência**. Tradução L. Garcia. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. **Amor e violência**: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2011.
- MIZAEEL, T. M. Pontes entre o feminismo interseccional e análise do comportamento. *In*: PINHEIRO, R.; MIZAEEL, T. M (org.). **Debates sobre feminismo e análise do comportamento**. Fortaleza: Imagine Publicações, 2019. p. 43-66.
- MORAIS, P. R. **Estatística para psicólogos**. Santo André, SP: Ed. ESETec, 2007.
- MOREIRA, M. B. **Comportamento e práticas sociais**. Brasília, Instituto Walden4, 2013.
- MOREIRA, M. B. HANNA, E. S. Bases filosóficas e noção de ciência em análise do comportamento. *In*: HÜBNER, M. M. C., MOREIRA, M. B. **Temas clássicos da psicologia sob a ótica da análise do comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. p. 1-19.
- MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. **Princípios básicos de análise do comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007
- MURTA, Sheila Giardini *et al.* Dating SOS: a systematic and theory-based development of a web-based tailored intervention to prevent dating violence among Brazilian Youth. **BMC Public Health**, [S.l.], v. 20, n. 1, mar. 2020.
- MURTA, Sheila Giardini *et al.* **Diferenciando baladas de ciladas**: um guia para o empoderamento de adolescentes em relacionamentos íntimos. Brasília: Letras Livre, 2011.
- MURTA, Sheila Giardini *et al.* Efeitos de um Programa de Prevenção à Violência no Namoro. **Psico-USF**, [S.l.], v. 21, n. 2, p. 381–393, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210214>.
- MURTA, Sheila Giardini *et al.* Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 263-288, 2013
- O SILÊNCIO dos homens. Direção: Ian Leite e Luiza de Castro. [S.l.: s.n], 2019. 1 vídeo (60 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE>.
- OLIVEIRA, Inês Dias. **Violência no namoro**: legitimação da violência nas relações amorosas entre adolescentes. 2021. Dissertação (Mestre em Riscos e Violências nas Sociedades Atuais) – Universidade Lusófona de Humanidades eTecnologias, Instituto de Serviço Social, Lisboa, Portugal, 2021. Disponível em: https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/12125/3/DISSERTA%20c3%87%20c3%83O%20C%20COMPLET%20FINAL%20-%20In%20c3%a3o%20definitiva_02.06.2021%20%284%29.pdf.
- OLIVEIRA, Madalena Sofia Alves de. **Violência intergeracional**: da violência na família à violência nonamoro. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Forenses) – Universidade de

Porto, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2009. Acesso em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/22140>.

ORANSKY, Matthew; FISHER, Celia. The development and validation of the meanings of adolescent masculinity scale. **Psychology of Men & Masculinity**, [S.l.], v. 10, n. 1, p. 57-72, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência**. Genebra, Suíça, 2010. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44350/9789275716359_por.pdf. Acesso em: 20 ago. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **World report of violence and health**. OMS: Genebra, 2002.

OTERO, V. L. R., GUERRILHAS, F. Saber falar e ouvir: a comunicação entre casais. *In*: BRANDÃO, M. Z.; CONTE, F. (org.). **Falo ou não falo?** Expressando sentimentos e comunicando ideias. Arapongas: Mecenaz, 2007. p. 140-156.

OXFORD UNIVERSITY PRESS. **Oxford Latin Dictionary**. London: Oxford University Press, 1968.

PAIXÃO, Gilvânia Patrícia do Nascimento *et al.* Women experiencing the intergenerationality of conjugal violence. **Revista Latinoamericana de Enfermagem**, [S.l.], v. 23, n. 5, p. 874-879, 2015.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PARACAMPO, Carla Cristina Paiva; ALBUQUERQUE, Luiz Carlos de. Comportamento controlado por regras: revisão crítica de proposições conceituais e resultados experimentais. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 9, n. 2, p. 227-237, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/viewFile/4798/3681>.

PATEMAN, C. **O Contrato Sexual**. Tradução de Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PINHEIRO, R. C. S.; OSHIRO, C. K. B. Variáveis de gênero que terapeutas devem estar atentas no atendimento a mulheres. *In*: PINHEIRO, R.; MIZAE, T. (org.) **Debates sobre feminismo e Análise do Comportamento**. Fortaleza: Imagine Publicações, 2019.

PINTO, Andréia Dioxopoulos Carneiro, MENEGHEL, Stela Nazareth, MARQUES, A. P. M. K. Acorda, Raimundo! Homens discutindo violência e masculinidade. **PSICO**, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p.238-245, set./dez. 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/sanay/Downloads/admin,+Ps38-3+p238-245+on.pdf>.

QUEM MATOU Eloá? Direção: Lívia Perez. Produção: Giovanni Francischelli. São Paulo, DocTela Mídia, 2015. 1 vídeo (24 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4IqIaDR_GoQ. Acesso em: 17 nov. 2020.

REID, Amy E. Intimate Partner Violence Among Men. **American Journal of Preventive Medicine**, [S.l.], v. 6, p. 478- 485, 2008.

RODRIGUEZ-MOSQUERA, Patricia M.; MANSTEAD, Antony S. R; FISCHER, Agneta H. Honor in the Mediterranean and Northern Europe. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, [S.l.], v. 33, n. 1, p. 16-36, 2002.

ROSOSTOLATO, Breno. Alexitimia e masculinidades: do silêncio aos processos de desconstrução. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [S.l.], v. 30, n. 2, p. 55-64, 2019. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/92.

RUIZ, Maria R Personal agency in feminist theory: evicting the illusive dweller. **The Behavior Analyst**, [S.l.], v. 21, p. 179-192, 1998.

RUIZ, Maria R. B. F. Skinner's radical behaviorism: Historical misconstructions and grounds for feminist reconstructions. **Behavior and Social Issues**, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 29-44, 1995.

RUIZ, Maria R. Inconspicuous sources of behavioral control: the case of gendered practices. **The behavior analyst today**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 12-16, 2003.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAMPAIO, Angelo A. S.; LEITE, Felipe L. O estudo da cultura pela análise do comportamento e a obra de Sigrid Glenn. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 203-207, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/rebac/article/view/4014>.

SANT'ANNA, V. L. P. Identidade sexual e identidade de gênero. *In*: BRANDÃO, M. Z. da S. *et al.* (orgs.). **Sobre comportamento e cognição: clínica pesquisa e aplicação**. Santo André, SP: Esetec Editores Associados, 2003, p. 154-161.

SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães; DESSEN, Maria Auxiliadora. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S.l.], v. 28, n. 1, p. 101-108, jan./mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/fpKByLWpTT8BY4Yv9kRH6pB/?format=pdf>.

SHAUGHNESSY, J. J.; ZECHMEISTER, E. B.; ZECHMEISTER, J. S. **Metodologia de pesquisa em psicologia**. 9ª ed. [S.l.]: AMGH. 2012.

SIDMAN, M. **Coerção e suas implicações**. Tradução Maria Amália Andery e Teresa Maria Sério. São Paulo: Editora Livro Pleno, 2009.

SILVA, S. M. **Uma investigação preliminar sobre formas de violência presentes na fase de namoro**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

SINCLAIR, L. C. A. **Understanding wife assault**. Toronto, Ontario, 1985.

SKINNER, B. F **Contingências do reforço: uma análise teórica**. 2. ed. São Paulo: Abril

Cultural, 1980.

SKINNER, B. F. **Beyond freedom and dignity**. Hackett, 1971.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. Tradução João Carlos Todorov e Rodolfo Azzi. 11 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SKINNER, B. F. Seleção pelas consequências. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 129-137, 2007.

SPENCER, C. M.; TOEWS, M. L.; ANDERS, K. M.; EMANUELS, S. K. Risk markers for physical teen dating violence perpetration: a meta-analysis. **Trauma, violence & abuse**, v.22, n. 3, p. 1-13, 2019.

TEIXEIRA, C. M. *et al.* A. Assertividade, passividade e agressividade no namoro: um estudo com universitárias de um curso de psicologia. *In*: MURTA, S. G; BUCHER-MALUSCHKE; J. S. N. F.; DINIZ, G. R. S (org.). **Violência no namoro**: estudos, prevenção e psicoterapia. Curitiba: Appris, 2015. p. 103-116.

THE MASK you live in. Direção: Jennifer Siebel Newsom. Produção: Jennifer Siebel Newsom, Jessica Congdon e Jessica Anthony. San Francisco, California: Fork Films, 2015. 1 vídeo (90 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=I1OI9B0VSlA&feature=youtu.be>. Acesso em: 10 mar. 2021.

TODOROV, J. C.; MARTONE, R. C.; MOREIRA, M. B. **Metacontingências**: comportamento, cultura e sociedade. Santo André, SP: ESETec, 2005.

TODOROV, João Cláudio. A Constituição como metacontingência. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S.l.], v. 9, n.1, p. 9-13, 1987.

VILLA, M. B. **Habilidades sociais no casamento**: Avaliação e contribuição para a satisfação conjugal. 2005. Tese (Doutorado em Ciência) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-22012008-083741/pt-br.php>.

VILLA, M. B.; DEL PRETTE, Z. A. P. Marital satisfaction: the role of social skills of husbands and wives. **Paidéia**, [S.l.], v. 23, n. 56, p. 379-388, 2013.

VILLA, Miriam Bratfisch. **Habilidades sociais conjugais em casais de diferentes filiações religiosas**. 2002. Dissertação (Mestre em Ciências).- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-09092002-105102/pt-br.php>.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGPSI)
MESTRADO EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisadores envolvidos: Paula Kruger Figueiredo de Oliveira (Psicóloga CRP 22/02905, mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão) | e-mail: paula.kruger@discente.ufma.br | Telefone: (98) 984095363 e Prof.^a Dr.^a Catarina Malcher Teixeira (Pesquisadora/orientadora) | e-mail: catarinamalcher@hotmail.com | Telefone: (98) 982019483

Prezado participante, você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “HABILIDADES SOCIAIS, REGRAS DE MASCULINIDADE E VIOLÊNCIA NO NAMORO: um estudo com adolescentes” na condição de responsável pelo(a) menor que deve ser indicado(a) abaixo.

Objetivo e justificativas: Analisar a relação entre o repertório de Habilidades Sociais, violência no namoro e regras sobre masculinidade em adolescentes a partir de 14 anos, identificando seus índices e fatores sociodemográficos relacionados.

A participação de seu representado no referido estudo envolverá a aplicação dos seguintes instrumentos: questionário sociodemográfico; *Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI)*, versão traduzida e adaptada por Saavedra (2010) do *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI)* de Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, Wekerle, Grasley e Straatman (2001) e constituído por 35 itens que possibilitam avaliar estratégias de resolução de conflitos nas relações de namoro entre adolescentes; *Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA)*, instrumento de autorrelato destinado à população adolescente de 12 à 17 anos de idade, contendo 38 itens que avaliam o repertório de habilidades sociais; e a *Escala de Significados da Masculinidade para Adolescentes*, inicialmente desenvolvida por Oransky e Fisher (2009), traduzida e adaptada por Murta et al. (2016), possui 27 itens que



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGPSI) MESTRADO EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

avaliam a presença de regras sociais relacionadas ao papel de gênero masculino. O adolescente deverá responder cada instrumento por completo, respondendo o que é pedido a cada item.

Possíveis benefícios para o seu representado: não há benefícios diretos e imediatos, mas a partir dessa pesquisa será possível preencher algumas lacunas presentes no campo de estudo sobre violência no namoro em adolescentes e a relevância das Habilidades Sociais nesse público, contribuindo para sua melhor caracterização e compreensão do seu modo de funcionamento, buscando também contribuir para a futura elaboração de estratégias para a prevenção, intervenção e tratamento de pessoas que vivenciaram ou vivenciam esse tipo de situação.

Possíveis riscos para o seu representado: despertar sentimentos negativos, algum grau de constrangimento ou desconforto durante a aplicação dos instrumentos.

Confidencialidade: sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, o(a) identificar ou identificar seu representado(a), será mantido em sigilo. É assegurada a assistência do seu representado(a) durante toda a pesquisa, garantindo o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências e a tudo o que se queira saber antes, durante e depois da participação dele(a).

Esclarecimento: Ao aceitar participar dessa pesquisa, você irá receber uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com os dados dos pesquisadores envolvidos para eventual contato.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGSI)
MESTRADO EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Aceito participar da pesquisa na condição de responsável pelo (a) menor _____, tendo sido informado(a) sobre seus objetivos, riscos, benefícios, sobre a minha liberdade em participar ou mesmo de deixar a pesquisa em qualquer momento, e de não haver valor econômico a receber ou a pagar pela participação. Considerando os itens acima expostos, eu, de maneira livre e esclarecida, expresso o meu interesse em participar desta pesquisa.

Assinatura do representante legal

Local e data: _____ (MA), ____/____/____

LISTA NOMINAL DE PESQUISADORES:

Prof^a Dr^a Catarina Malcher Teixeira

Paula Kruger Figueiredo de Oliveira

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa para recurso ou reclamações do sujeito

pesquisado: O CEP/UFMA funciona na Avenida dos Portugueses s/n, Campus Universitário do Bacanga, Prédio do CEB Velho, em frente ao auditório Multimídia da PPPGI. E-mail para correspondência: cepufma@ufma.br. Em caso de dúvidas, ligue: (98) 3272-8708.

APÊNDICE B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGPSI)
MESTRADO EM PSICOLOGIA

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisadores envolvidos: Paula Kruger Figueiredo de Oliveira (Psicóloga CRP 22/02905, mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão) | e-mail: paula.kruger@discente.ufma.br | Telefone: (98) 984095363 e Prof.^a Dr.^a Catarina Malcher Teixeira (Pesquisadora/orientadora) | e-mail: catarinamalcher@hotmail.com | Telefone: (98) 982019483

Prezado participante, você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “HABILIDADES SOCIAIS, REGRAS DE MASCULINIDADE E VIOLÊNCIA NO NAMORO: um estudo com adolescentes” na condição de responsável pelo(a) menor que deve ser indicado(a) abaixo.

O **assentimento** significa que você concorda em fazer parte de um grupo de adolescentes da sua faixa de idade para participar de uma pesquisa. Serão respeitados seus direitos e você receberá todas as informações, por mais simples que possam parecer. Pode ser que este documento denominado **TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO** contenha palavras que você não entenda. Por favor, peça ao responsável pela pesquisa ou à sua equipe que explique qualquer informação que você não entenda claramente.

A participação de seu representado no referido estudo envolverá a aplicação dos seguintes instrumentos: questionário sociodemográfico; *Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes* (CADRI), versão traduzida e adaptada por Saavedra (2010) do *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* (CADRI) de Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, Wekerle, Grasley e Straatman (2001) e constituído por 35 itens que possibilitam avaliar estratégias de resolução de conflitos nas relações de namoro entre adolescentes; *Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes* (IHSA), instrumento de autorrelato destinado à população adolescente de 12 à 17 anos de idade,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGPSI)
MESTRADO EM PSICOLOGIA

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

contendo 38 itens que avaliam o repertório de habilidades sociais; e a *Escala de Significados da Masculinidade para Adolescentes*, inicialmente desenvolvida por Oransky e Fisher (2009), traduzida e adaptada por Murta et al. (2016), possui 27 itens que avaliam a presença de regras sociais relacionadas ao papel de gênero masculino. Você deverá responder cada instrumento por completo, seguindo as orientações do aplicador(a) e respondendo o que é pedido a cada item.

Possíveis benefícios para o seu representado: não há benefícios diretos e imediatos, mas ao participar dessa pesquisa você estará contribuindo para o estudo sobre violência no namoro em adolescentes e a relevância das Habilidades Sociais nesse público, contribuindo para sua melhor caracterização e compreensão do seu modo de funcionamento, buscando também contribuir para a futura elaboração de estratégias para a prevenção, intervenção e tratamento de pessoas que vivenciaram ou vivenciam esse tipo de situação.

Estou ciente de que a minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo. Também fui informado de que pode haver recusa à participação no estudo, bem como pode ser retirado o consentimento a qualquer momento, sem precisar haver justificativa, e de que, ao sair da pesquisa, não haverá qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo. Eu li e discuti com a investigadora responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que sou livre para aceitar ou recusar, e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito. Eu entendi a informação apresentada neste TERMO DE ASSENTIMENTO. Eu tive a oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas perguntas foram respondidas.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGPSI)
MESTRADO EM PSICOLOGIA

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu receberei uma cópia assinada e datada deste documento DE ASSENTIMENTO INFORMADO.

Assinatura do participante

Local e data: _____ (MA), ____ / ____ / ____

LISTA NOMINAL DE PESQUISADORES:

Profª Drª Catarina Malcher Teixeira

Paula Kruger Figueiredo de Oliveira

Contato para dúvidas: Se houver dúvidas com relação ao estudo, direitos do participante, ou no caso de riscos relacionados ao estudo, você deve contatar os pesquisadores envolvidos. Havendo dúvidas sobre seus direitos como um paciente de pesquisa, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), que funciona na Avenida dos Portugueses s/n, Campus Universitário do Bacanga, Prédio do CEB Velho. E-mail do CEP para correspondência: cepufma@ufma.br. Em caso de dúvidas, ligue: (98) 3272-8708.

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Nome:	
Data de Nascimento:	Idade:
Naturalidade:	
Sexo: () Masculino () Feminino	
Quantas pessoas moram na sua casa:	
Renda familiar: (Somando a renda das pessoas que moram na sua casa, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?) () Até 01 salário mínimo (R\$1.100,00) () De 01 a 03 salários mínimos (R\$1.100,00 até R\$3.300,00) () De 03 a 06 salários mínimos (R\$3.300,00 até R\$6.600,00) () De 06 a 09 salários mínimos (R\$6.600,00 até R\$9.900,00) () De 09 a 12 salários mínimos (R\$9.900,00 até R\$13.200,00) () Mais de 12 salários mínimos (mais de R\$13.200,00)	
Escolaridade:	
Escola em que estuda:	
Você está em um relacionamento: () Heterossexual; () Homossexual.	
Há quanto tempo você está em um relacionamento amoroso? () Menos de 06 meses; () 06 meses a 01 ano; () 01 a 02 anos; () 02 anos ou mais.	
Você possui algum diagnóstico psiquiátrico (ansiedade, depressão, transtorno bipolar...)? () Não () Sim. Especifique:_____	
Faz uso de alguma medicação de forma regular? () Não () Sim. Qual?_____	
Fez uso de alguma medicação hoje? () Não () Sim. Qual?_____	

**APÊNDICE D – CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA PARA AS
INSTITUIÇÕES COLABORADORAS**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGPSI)

MESTRADO EM PSICOLOGIA

CARTA DE APRESENTAÇÃO

À senhora _____, representante responsável pelo _____, localizada em _____.

Assunto: Apresentação de Pesquisa monográfica e solicitação de autorização condicionada.

Prezada Sr^a _____, apresentamos a pesquisa intitulada “**HABILIDADES SOCIAIS, REGRAS DE MASCULINIDADE E VIOLÊNCIA NO NAMORO: um estudo com adolescentes**”;

A pesquisa tem como objetivo analisar a relação entre o repertório de Habilidades Sociais, violência no namoro e regras sobre masculinidade em adolescentes. Espera-se, com esta pesquisa, preencher algumas lacunas presentes no estudo do fenômeno da violência no namoro em adolescentes, contribuindo para sua melhor caracterização e compreensão das variáveis que podem estar envolvidas nessa ocorrência. Busca-se, também, verificar a influência do repertório de habilidades sociais nesse fenômeno, de modo a contribuir para incentivar programas de prevenção e intervenção, uma vez que esse repertório comportamental pode atuar como fator de proteção para violência no namoro.

As informações a serem oferecidas para o pesquisador serão guardadas pelo tempo que determinar a legislação e não serão utilizadas em prejuízo desta instituição e/ou das pessoas envolvidas, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e/ou prejuízo econômico e/ou financeiro. Além disso, durante ou depois da pesquisa é garantido o anonimato de tais informações.

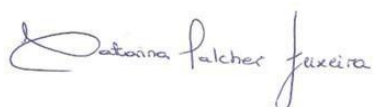
A pesquisa será coordenada pelas pesquisadoras responsáveis Paula Kruger Figueiredo de Oliveira (disponível pelo endereço de e-mail paula.kruger@discente.ufma.br) e Catarina Malcher Teixeira (disponível pelo endereço de e-mail catarina.malcher@ufma.br), e será previamente apresentada ao Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão – CEP/HUUFMA, com contato telefônico (98) 2109-1250, e endereço Rua Barão de Itapary, 227, quarto andar, Centro, São Luís – MA, CEP - 65.020-070.

Para tanto, respeitosamente solicito a V. S (A ou O), conforme modelo sugerido em anexo (Autorização para pesquisa), emissão de autorização para realização da pesquisa condicionada à prévia aprovação da mesma em Comitê de Ética em Pesquisa, respeitando

a legislação em vigor sobre ética em pesquisa em seres humanos no Brasil (Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 196/96 e regulamentações correlatas).

São Luís, 29 de Setembro de 2022

LISTA NOMINAL DE PESQUISADORES:



Profa. Dra. Catarina Malcher Teixeira



Paula Kruger Figueiredo de Oliveira

ANEXOS

ANEXO A – INVENTÁRIO DOS CONFLITOS NA RELAÇÃO DE NAMORO DE ADOLESCENTES (CADRI-P) - Versão Feminina

(Lucas, S; Simões, M. & Pinheiro, M.R, 2013)

As próximas questões interrogam-te sobre coisas que podem ter acontecido com o teu companheiro enquanto tinham uma discussão. Assinala a hipótese que melhor exprime a frequência com que estas coisas acontecem com o teu companheiro actual ou ex-companheiro durante o vosso relacionamento amoroso.

Como guia usa a seguinte escala:

N - Nunca: Isto nunca aconteceu durante a tua relação
A - Às vezes: Isto aconteceu cerca de 1-5 vezes durante a relação
F - Frequentemente: Isto aconteceu 6 ou mais vezes durante relação

Durante um conflito ou discussão com o meu companheiro durante o nosso relacionamento amoroso:

	N	A	F
1. Eu expliquei as razões pelas quais agi. Ele explicou as razões pelas quais agiu.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Eu toquei-lhe no corpo ou fiz-lhe carícias apesar de ele não querer. Ele tocou-me no corpo ou fez-me carícias apesar de eu não querer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Eu tentei virar os seus amigos contra ele. Ele tentou virar os meus amigos contra mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Eu fiz algo para lhe provocar ciúmes. Ele fez algo para me provocar ciúmes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa de que ele gostava muito. Ele destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa de que eu gostava muito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<hr/>			
	N	A	F
6. Eu disse-lhe que, em parte, a culpa era minha. Ele disse-me que, parte da culpa era dele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Eu trouxe à conversa algo que ele tinha feito de mal no passado. Ele trouxe à conversa algo que eu tinha feito de mal no passado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Eu atirei-lhe com um objecto. Ele atirou-me com um objecto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Eu disse coisas só para o deixar furioso. Ele disse coisas só para me deixar furiosa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Eu expliquei as razões pelas quais pensei que ele estava errado. Ele explicou as razões pelas quais pensava que eu estava errada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

INVENTÁRIO DOS CONFLITOS NA RELAÇÃO DE NAMORO DE ADOLESCENTES (CADRI-P) - Versão Feminina

N - Nunca: Isto nunca aconteceu durante a tua relação
A - Às vezes: Isto aconteceu cerca de 1-5 vezes durante a relação
F - Frequentemente: Isto aconteceu 6 ou mais vezes durante relação

Durante um conflito ou discussão com o meu companheiro durante o nosso relacionamento amoroso:

	N	A	F
11. Eu concordei que ele, em parte, estava certo. <u>Ele concordou que eu, em parte, estava certa.</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Eu falei-lhe com um tom de voz agressivo. <u>Ele falou-me com um tom de voz agressivo.</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Eu forcei-o a ter relações sexuais comigo quando ele não queria. <u>Ele forçou-me a ter relações sexuais com ele, quando eu não queria.</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Eu apresentei uma solução que pensava que seria boa para os dois. <u>Ele apresentou uma solução que pensava que seria boa para os dois.</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Eu ameacei-o com o objectivo de ter relações sexuais com ele. <u>Ele ameaçou-me com o objectivo de ter relações sexuais comigo.</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	N	A	F
16. Eu evitei falar naquele momento até que nos acalmarmos. <u>Ele evitou falar naquele momento até nos acalmarmos.</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Eu insultei-o com frases ofensivas <u>Ele insultou-me com frases ofensivas.</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Eu discuti o assunto calmamente. <u>Ele discutiu o assunto calmamente.</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Eu beijei-o quando ele não queria. <u>Ele beijou-me quando eu não queria.</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Eu disse coisas aos amigos dele para os pôr contra ele. <u>Ele disse coisas aos meus amigos para os pôr contra mim.</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	N	A	F
21. Eu disse-lhe o quanto me sentia atormentada. <u>Ele disse-me o quanto se sentia atormentado.</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Eu controlei com quem e onde ele estava. <u>Ele controlou-me com quem e onde eu estava.</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Eu responsabilizei-o por um problema. <u>Ele responsabilizou-me por um problema.</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Eu bati-lhe, dei-lhe murros ou pontapés. <u>Ele bateu-me, deu-me murros ou pontapés.</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Eu deixei o local para me acalmar. <u>Ele deixou o local para se acalmar.</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

INVENTÁRIO DOS CONFLITOS NA RELAÇÃO DE NAMORO DE ADOLESCENTES (CADRI-P) - Versão Feminina

N - Nunca: Isto nunca aconteceu durante a tua relação
A - Às vezes: Isto aconteceu cerca de 1-5 vezes durante a relação
F - Frequentemente: Isto aconteceu 6 ou mais vezes durante relação

Durante um conflito ou discussão com o meu companheiro durante o nosso relacionamento amoroso:

	N	A	F
26. Eu cedi apenas para evitar o conflito. Ele cedeu apenas para evitar o conflito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Eu acusei-o de se meter com outras raparigas. Ele acusou-me de eu meter-me com outros rapazes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. Eu deliberadamente tentei assustá-lo. Ele deliberadamente tentou assustar-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Eu dei-lhe uma bofetada ou puxei-lhe o cabelo. Ele deu-me uma bofetada ou puxou-me o cabelo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Eu ameacei magoá-lo. Ele ameaçou magoar-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	N	A	F
31. Eu ameacei terminar a relação. Ele ameaçou terminar a relação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Eu enviei-lhe mais de 5 SMS durante um dia, com o objectivo de saber onde ele estava e o que estava a fazer. Ele enviou-me mais de 5 SMS durante um dia, com objectivo de saber onde eu estava e o que estava a fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. Eu empurrei-o, dei-lhe encontrões ou abanei-o. Ele empurrou-me, deu-me encontrões ou abanou-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Eu espalhei rumores sobre ele. Ele espalhou rumores sobre mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Eu não quis usar preservativo apesar de ele querer. Ele não quis usar preservativo, apesar eu querer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	N	A	F
36. Eu mexi no telemóvel dele, sem autorização, para ver mensagens (SMS, MMS) ou chamadas. Ele mexeu no meu telemóvel, sem autorização, para ver mensagens (SMS, MMS) ou chamadas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
37. Eu disse-lhe que não gostava que ele vestisse determinada roupa, porque dava muito nas vistas. Ele disse-me que não gostava que eu vestisse determinada roupa, porque dava muito nas vistas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38. Eu enviei-lhe SMS, e-mail ou post a insultá-lo. Ele enviou-me SMS e-mail ou post a insultar-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
39. Eu mordi-lhe ou belisquei-o mesmo para o aleijar ou magoar. Ele mordeu-me ou beliscou-me mesmo para me aleijar ou magoar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
40. Eu envie-lhe SMS ou toques, durante a noite, para o controlar. Ele enviou-me SMS ou toques, durante a noite, para me controlar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

INVENTÁRIO DOS CONFLITOS NA RELAÇÃO DE NAMORO DE ADOLESCENTES (CADRI-P) - Versão Feminina

N - Nunca: Isto nunca aconteceu durante a tua relação
A - Às vezes: Isto aconteceu cerca de 1-5 vezes durante a relação
F - Frequentemente: Isto aconteceu 6 ou mais vezes durante relação

Durante um conflito ou discussão com o meu companheiro durante o nosso relacionamento amoroso:

	N	A	F
41. Eu coloquei-o numa situação em que ele se poderia ter aleijado ou magoado (ex: torci-lhe um braço; empurrei-o de uma escada abaixo). Ele colocou-me numa situação em que eu me poderia ter aleijado ou magoado (ex. <u>torceu-me um braço; empurrar de uma escada abaixo</u>).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
42. Eu criei uma nova conta na <i>internet</i> , para me fazer passar por outra pessoa. Ele criou uma <u>nova conta na internet, para se fazer passar por outra pessoa.</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
43. Eu liguei para o seu telemóvel insistentemente, com o objectivo de saber onde e o que estava a fazer. Ele ligou para o meu telemóvel insistentemente, com o objectivo de saber onde e o que <u>estava a fazer.</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
44. Eu entrei no <i>e-mail</i> dele, sem autorização, para ver a correspondência enviada ou recebida. Ele entrou no meu <i>e-mail</i> , sem autorização, para ver a correspondência <u>enviada ou recebida.</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
45. Eu tentei atingir-lo com um objecto mesmo com a intenção de o magoar. <u>Ele tentou atingir-me com um objecto mesmo com a intenção de me magoar.</u>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

ANEXO B – INVENTÁRIO DOS CONFLITOS NA RELAÇÃO DE NAMORO DE ADOLESCENTES (CADRI-P) – Versão Masculina

(Lucas, S; Simões, M. & Pinheiro, M.R, 2013)

As próximas questões interrogam-te sobre coisas que podem ter acontecido com a tua companheira enquanto tinham uma discussão. Assinala a hipótese que melhor exprime a frequência com que estas coisas acontecem, com a tua companheira actual ou ex-companheira, durante o vosso relacionamento amoroso.

Como guia usa a seguinte escala:

N - Nunca: Isto nunca aconteceu durante a tua relação
A - Às vezes: Isto aconteceu cerca de 1-5 vezes durante a relação
F - Frequentemente: Isto aconteceu 6 ou mais vezes durante relação

Durante um conflito ou discussão com a minha companheira durante o nosso relacionamento amoroso:

	N	A	F
1. Eu expliquei as razões pelas quais agi. Ela explicou as razões pelas quais agiu.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Eu toquei-lhe no corpo ou fiz-lhe carícias apesar de ela não querer. Ela tocou-me no corpo ou fez-me carícias apesar de eu não querer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Eu tentei virar os seus amigos contra ela. Ela tentou virar os meus amigos contra mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Eu fiz algo para lhe provocar ciúmes. Ela fez algo para me provocar ciúmes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa de que ela gostava muito. Ela destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa de que eu gostava muito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	N	A	F
6. Eu disse-lhe que, em parte, a culpa era minha. Ela disse-me que, parte da culpa era dela.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Eu trouxe à conversa algo que ela tinha feito de mal no passado. Ela trouxe à conversa algo que eu tinha feito de mal no passado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Eu atirei-lhe com um objecto. Ela atirou-me com um objecto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Eu disse coisas só para a deixar furiosa. Ela disse coisas só para me deixar furioso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Eu expliquei as razões pelas quais pensei que ela estava errada. Ela explicou as razões pelas quais pensava que eu estava errado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

INVENTÁRIO DOS CONFLITOS NA RELAÇÃO DE NAMORO DE ADOLESCENTES (CADRI-P) – Versão Masculina

N - Nunca: Isto nunca aconteceu durante a tua relação
A - Às vezes: Isto aconteceu cerca de 1-5 vezes durante a relação
F - Frequentemente: Isto aconteceu 6 ou mais vezes durante relação

Durante um conflito ou discussão com a minha companheira durante o nosso relacionamento amoroso:

	N	A	F
11. Eu concordei que ela, em parte, estava certa. Ela concordou que eu, em parte, estava certo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Eu falei-lhe com um tom de voz agressivo. Ela falou-me com um tom de voz agressivo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Eu forcei-a a ter relações sexuais comigo quando ela não queria. Ela forçou-me a ter relações sexuais com ela, quando eu não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Eu apresentei uma solução que pensava que seria boa para os dois. Ela apresentou uma solução que pensava que seria boa para os dois.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Eu ameacei-a com o objectivo de ter relações sexuais com ela. Ela ameaçou-me com o objectivo de ter relações sexuais comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	N	A	F
16. Eu evitei falar naquele momento até que nos acalmarmos. Ela evitou falar naquele momento até nos acalmarmos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Eu insultei-a com frases ofensivas Ela insultou-me com frases ofensivas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Eu discuti o assunto calmamente. Ela discutiu o assunto calmamente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Eu beijei-a quando ela não queria. Ela beijou-me quando eu não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Eu disse coisas aos amigos dela para os pôr contra ela. Ela disse coisas aos meus amigos para os pôr contra mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	N	A	F
21. Eu disse-lhe o quanto me sentia atormentado. Ela disse-me o quanto se sentia atormentada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Eu controlei com quem e onde ela estava. Ela controlou-me com quem e onde eu estava.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Eu responsabilizei-a por um problema. Ela responsabilizou-me por um problema.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Eu bati-lhe, dei-lhe murros ou pontapés. Ela bateu-me, deu-me murros ou pontapés.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Eu deixei o local para me acalmar. Ela deixou o local para se acalmar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

INVENTÁRIO DOS CONFLITOS NA RELAÇÃO DE NAMORO DE ADOLESCENTES (CADRI-P) – Versão Masculina

N - Nunca: Isto nunca aconteceu durante a tua relação
A - Às vezes: Isto aconteceu cerca de 1-5 vezes durante a relação
F - Frequentemente: Isto aconteceu 6 ou mais vezes durante relação

Durante um conflito ou discussão com a minha companheira durante o nosso relacionamento amoroso:

	N	A	F
26. Eu cedi apenas para evitar o conflito. Ela cedeu apenas para evitar o conflito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Eu acusei-a de se meter com outros rapazes. Ela acusou-me de eu meter-me com outras raparigas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. Eu deliberadamente tentei assustá-la. Ela deliberadamente tentou assustar-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Eu dei-lhe uma bofetada ou puxei-lhe o cabelo. Ela deu-me uma bofetada ou puxou-me o cabelo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Eu ameacei magoá-la. Ela ameaçou magoar-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	N	A	F
31. Eu ameacei terminar a relação. Ela ameaçou terminar a relação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Eu enviei-lhe mais de 5 SMS durante um dia, com o objectivo de saber onde ela estava e o que estava a fazer. Ela enviou-me mais de 5 SMS durante um dia, com objectivo de saber onde eu estava e o que estava a fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. Eu empurrei-a, dei-lhe encontrões ou abanei-a. Ela empurrou-me, deu-me encontrões ou abanou-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Eu espalhei rumores sobre ela. Ela espalhou rumores sobre mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Eu não quis usar preservativo apesar de ela querer. Ela não quis usar preservativo, apesar eu querer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	N	A	F
36. Eu mexi no telemóvel dela, sem autorização, para ver mensagens (SMS, MMS) ou chamadas. Ela mexeu no meu telemóvel, sem autorização, para ver mensagens (SMS, MMS) ou chamadas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
37. Eu disse-lhe que não gostava que ela vestisse determinada roupa, porque dava muito nas vistas. Ela disse-me que não gostava que eu vestisse determinada roupa, porque dava muito nas vistas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38. Eu enviei-lhe SMS, e-mail ou post a insultá-la. Ela enviou-me SMS e-mail ou post a insultar-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
39. Eu mordi-lhe ou belisquei-o mesmo para a aleijar ou magoar. Ela mordeu-me ou beliscou-me mesmo para me aleijar ou magoar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
40. Eu envie-lhe SMS ou toques, durante a noite, para a controlar. Ela enviou-me SMS ou toques, durante a noite, para me controlar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**INVENTÁRIO DOS CONFLITOS NA RELAÇÃO DE NAMORO DE
ADOLESCENTES (CADRI-P) – Versão Masculina**

N - Nunca: Isto nunca aconteceu durante a tua relação
A - Às vezes: Isto aconteceu cerca de 1-5 vezes durante a relação
F - Frequentemente: Isto aconteceu 6 ou mais vezes durante relação

Durante um conflito ou discussão com a minha companheira durante o nosso relacionamento amoroso:

	N	A	F
41. Eu coloquei-a numa situação em que ela se poderia ter aleijado ou magoado (ex: torci-lhe um braço; empurrei-a de uma escada abaixo). Ela colocou-me numa situação em que eu me poderia ter aleijado ou magoado (ex. torceu-me um braço; empurrar de uma escada abaixo).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
42. Eu criei uma nova conta na <i>internet</i> , para me fazer passar por outra pessoa. Ela criou uma nova conta na <i>internet</i> , para se fazer passar por outra pessoa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
43. Eu liguei para o seu telemóvel insistentemente, com o objectivo de saber onde e o que estava a fazer. Ela ligou para o meu telemóvel insistentemente, com o objectivo de saber onde e o que estava a fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
44. Eu entrei no <i>e-mail</i> dela, sem autorização, para ver a correspondência enviada ou recebida. Ela entrou no meu <i>e-mail</i> , sem autorização, para ver a correspondência enviada ou recebida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
45. Eu tentei atingi-la com um objecto mesmo com a intenção de a magoar. Ela tentou atingir-me com um objecto mesmo com a intenção de me magoar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**ANEXO C – ESCALA DE SIGNIFICADOS DA MASCULINIDADE PARA
ADOLESCENTES (MURTA et al., 2016)**

Item	Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Neutro	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente
1. Ser visto como gay faz um cara parecer menos homem					
2. Um bom modo de parecer macho é evitar agir como gay					
3. Um homem deveria se sentir constrangido em agir como uma garota					
4. É constrangedor ter muitos amigos gays					
5. Homens de verdade nunca agem como garotas					
6. Tem algo de errado se um homem quer fazer atividades geralmente realizadas por garotas					
7. Um homem deveria ser capaz de suportar provocações de seus amigos					
8. Um homem nunca deve recuar de um desafio em público					
9. Um homem deve parecer confiante mesmo quando ele não está					
10. Não importa o que aconteça, um homem deve parecer forte para os outros					
11. Não é importante para os homens ouvir os problemas uns dos outros					
12. Homens não deveriam falar de suas preocupações uns com os outros					
13. Não é normal um homem confortar um amigo que está chateado					
14. Quando um homem tem algum medo ele deve guardar isto para si					
15. É difícil respeitar um homem que demonstra seus sentimentos					

